

CRÔNICA DE UMA
GRANDE EXCURSÃO

AGRONOMANDOS DA ESALQ DE 1961



EPAMINONDAS SANSIGOLO
DE BARROS FERRAZ

CRÔNICA DE UMA GRANDE EXCURSÃO

AGRONOMANDOS DA ESALQ DE 1961

EPAMINONDAS SANSIGOLO
DE BARROS FERRAZ

COLEÇÃO 2022



IHGP
Instituto Histórico e
Geográfico de
Piracicaba

Apoio: _____



**Prefeitura do
Município de
Piracicaba**



Copyright 2022 Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
Uma publicação do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
Cumprindo a Lei Municipal 2.160 de 18 de dezembro de 1974

Apoio:
Prefeitura Municipal de Piracicaba
Secretaria Municipal de Cultura de Piracicaba (SEMAC)

Dados internacionais para catalogação na publicação (CIP)

E63f

Ferraz, Epaminondas Sansigolo de Barros

Crônica de uma Grande Excursão - Agronomandos da Esalq de 1961 -
1.ed.

Sonia Piacentini editora, 2022

ISBN: 978-65-85526-01-2

1. Viagem 2. Historia I. Título. II. Autor

CDD-900

IHGP – Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

CNPJ 50.853.878/0001-48

Rua Professor José Martins de Toledo, 109

Bairro Jaraguá - Piracicaba, São Paulo

Telefone (19) 3434-8811

Email: ihgp@ihgp.org.br

Site: ihgp.org.br

Instagram: [@ihgppiracicaba](https://www.instagram.com/ihgppiracicaba) / Facebook, Flickr e YouTube : IHGP

CRÔNICA DE UMA
GRANDE EXCURSÃO

AGRONOMANDOS DA ESALQ DE 1961

EPAMINONDAS SANSIGOLO
DE BARROS FERRAZ



IHGP

Instituto Histórico e
Geográfico de Piracicaba

Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
Diretoria 2022-2024

Presidente: Edson Rontani Júnior

Vice-Presidente: Valdiza Maria Capranico

1º Secretária: Sylvana Zein

2º Secretário: Augusto Assis Cruz Neto

1º Tesoureiro: Waldemar Romano

2º Tesoureiro: Claudinei Pollesel

Orador: Armando Alexandre dos Santos

Diretor de Acervo: Noedi Monteiro

Suplentes de diretoria: André Manoel da Silva, Cynthia Regina da Rocha Silva e Aracy Duarte Ferrari

Conselho fiscal: João Umberto Nassif, Leandro Antônio Pavan e Newman Ribeiro Simões

Suplentes Conselho Fiscal: Antonio Carlos Angolini, Epaminondas Sansigolo de Barros Ferraz e Luiz Antônio Rolim

Comissão de Publicação: Angela Maria Furlan Nolasco, Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto, Carolina Martin e Vitor Pires Vencovsky

Jornalista responsável: Edson Rontani Júnior – MTb 22.694

Revisão final: Waldemar Romano

Diagramação: André Gorga

Impressão: Sonia Piacentini

Fotos e reproduções: Arquivo do autor

• Distribuição gratuita •

Todos os esforços foram feitos para identificar devidamente os eventuais detentores de direitos sobre as imagens utilizadas na edição. Eventuais omissões não intencionais serão corrigidas pelos meios disponíveis do IHGP, bastando seus responsáveis contatarem o IHGP.

Opiniões nesta obra descritas não refletem concretamente o pensamento do IHGP ou de seus membros, sendo de inteira responsabilidade de seu autor.

Apresentação

Homem com passado, homem com história

Edson Rontani Júnior

Presidente do IHGP

Houve um tempo em que as pessoas eram presenteadas com abotoaduras para ternos, canetas, abridores de carta, agendas, diários... Eram itens caros e alguns luxuosos, como abridores de carta e canetas folheadas a ouro e adquiridas em joalherias. Até o famoso cortador de unhas popularmente conhecido por “trim” era dado como presente de noivado, como veremos nestas páginas... Os diários, principalmente os femininos, serviam como alma amiga e consoladora, no qual eram descritos os mais profundos desejos, decepções e expectativas, dentre outras manifestações emocionais.

Estes diários eram guardados a sete chaves, como ocorreu, num exemplo bem distante, com Anne Frank, cujas memórias foram descritas em cadernos descobertos pelo pai dela após ser enviada a um campo de extermínio nazista durante a Segunda Guerra Mundial e publicado no mundo todo, provocando choro, medo, compaixão diante do que aquela jovem viveu.

Um homem com passado tem história. Sempre ouvi falar isso. E que passado e histórias nos reservam este livro, inicialmente concebido para ser um e-book, mas devido à sua importância para a memória de Piracicaba, o IHGP decidiu torná-lo em formato físico.



O professor Epaminondas foi muito feliz nas suas colocações. E nos leva a uma época delicada da história da humanidade. Em 1961, os Estados Unidos, para onde foi um grupo de estudantes de Piracicaba, ainda respiravam ares da “caça às bruxas” promovida pelo senador Joseph Mc Carthy, com delações contra o comunismo. Vivíamos a “Guerra Fria” e a relação Estados Unidos e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas era como um estopim para a guerra nuclear onde um telefone vermelho poderia provocar o apertar de um botão – também vermelho – ocasionando na tão temida hecatombe. Tudo isso bem retratado pela literatura ou pelo cinema da época como relatou Stanley Kubrick em “Dr. Fantástico”.

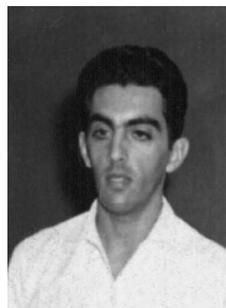
Foi em 1961 que John Fitzgerald Kennedy tomou posse como presidente. Foi o ano em que Estados Unidos cortaram relações diplomáticas com Cuba, braço do comunismo na América financiado pela URSS. Também foi o ano da crise da Baía dos Porcos que tinha por objetivo tirar Fidel Castro do poder. Isso cheirava a um conflito irreparável.

Como curiosidade, Epaminondas dá pinceladas deste contexto histórico como podemos ver no capítulo “Meu amigo espião”, dentre outras lembranças. A obra é um deleite para o leitor que gosta de histórias de Piracicaba e da humanidade.



Epaminondas Sansigolo de Barros Ferraz

Nascido em Piracicaba, São Paulo, onde cresceu, se formou, fez família e vive feliz. Foi aluno do G.E. João Batista Nogueira, do Moraes Barros, Sud Mennucci, fez Senai e Industrial, ingressou na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP) onde se graduou em engenharia agrônômica em 1958.



Trabalhou um ano na indústria metalúrgica e depois foi contratado como professor junto ao Departamento de Física e Meteorologia da ESALQ.

Como estudante praticou diversos esportes tendo se destacado no salto em altura, modalidade na qual foi campeão universitário (pela AAALQ), regional (por Piracicaba) e estadual (pelo São Paulo F. C.), tendo ainda defendido as seleções paulista e brasileira universitária.

Como docente e pesquisador atuou na área de energia nuclear na agricultura e ambiente onde conquistou os títulos de doutor, livre docente, professor, professor adjunto e professor titular. É autor de dezenas de trabalhos científicos sobre energia nuclear na Agricultura e Ambiente, publicados aqui e no exterior.

Assessorou a diretoria da ESALQ na construção da praça de esportes, foi autor do requerimento da congregação que criou o Museu da ESALQ e foi Chefe de Departamento. Assessorou a Reitoria da USP no caso do acidente radioativo de Goiânia e nos casos de contaminação do leite e da carne importados.



Colaborou, desde o primeiro instante, na fundação do CNENA e depois na sua refundação, o atual CENA – Centro de Energia Nuclear na Agricultura, onde criou o curso de Introdução à Energia Nuclear na Agricultura e o curso de pós graduação em Energia Nuclear na Agricultura ao nível de mestrado e posteriormente de doutorado.

No governo federal atuou como assessor da CNEN - Comissão Nacional de Energia Nuclear, do CNPQ - Conselho Nacional de Pesquisas, na Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura para a reforma do ensino superior, como perito na Polícia Federal e na Agência Nacional de Saúde como assessor.

Assessorou a Prefeitura de Piracicaba na questão do lixo industrial e em projetos viários, inclusive no esporte.

Aposentou-se na USP após os 30 anos regulamentares, mas permaneceu no CENA por mais 20 anos como professor convidado, tendo sido um dos responsáveis pelo Projeto PiraCena na bacia do rio Piracicaba.



A GRANDE EXCURSÃO DOS AGRONOMANDOS DE 1961



A Grande Excursão de Encerramento do Curso de Agronomia é mais uma tradição que se perdeu na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, de Piracicaba, em virtude da reforma do ensino superior imposta pelo governo federal e sacramentada pelos novos estatutos da Universidade de São Paulo a partir de 1970. Em Piracicaba, tudo que estivesse ligado à formatura dos agronomandos se revestia de importância e pompa incomparáveis e tinha repercussão nacional, sempre envolvendo altas personalidades como: governadores, ministros e até mesmo Presidentes da República, que costumavam comparecer às solenidades. O curso era eclético, isto é, todos os alunos cursavam todas as disciplinas simultaneamente e dessa forma aqueles que



entravam juntos no vestibular, que era local e exclusivo, depois de quatro anos se graduavam juntos, salvo um ou outro que, reprovado, ficava pelo caminho.

Conforme estava previsto no Regulamento da Escola, os engenheiros-agrônomo deveriam realizar durante as férias escolares de julho do último ano, uma excursão de estudos com a finalidade de *ampliar e atualizar os conhecimentos adquiridos* no decorrer do período escolar. Era, portanto, uma atividade regulamentar, uma exigência do currículo e sua realização deveria ser aprovada pelos órgãos colegiados da ESALQ e da Universidade de São Paulo e ser chefiada por um professor de seu quadro efetivo.

Os formandos daquela turma de 1961 vinham se mobilizando desde anos anteriores por uma viagem dos sonhos aos Estados Unidos e que acabou sendo possível graças ao empenho e prestígio do pai de um deles bem como à política da “Boa Vizinhança” de Washington, um programa implantado havia há alguns anos na América Latina para preservar a hegemonia norte-americana na região. No começo do ano o governo americano já havia se comprometido a custear todas as despesas de estadia e deslocamentos internos de 20 participantes e um professor, mas não as passagens internacionais que, apesar de muitos esforços, não foram conseguidas. Sendo assim, cada um teria de pagar a sua.

Eu ingressei na ESALQ em 1954, me formei em 1958, trabalhei um ano na indústria metalúrgica e em janeiro de 1960 fui contratado como Professor Assistente da 1ª Cadeira Física e Meteorologia, mas passei aquele ano fazendo um aperfeiçoamento no Instituto de Física da USP, em São Pau-



lo. Comecei a lecionar Eletricidade em 1961 para alunos do primeiro ano e, ao mesmo tempo, admitia como estagiários alunos de anos mais adiantados. Dentre eles havia um do último ano, o Cesar Canto, que tinha como plano de estágio o desenvolvimento e implantação de um placar luminoso para jogos de basquete no ginásio de esportes da Associação Atlética, tarefa essa que requereu boa dose de criatividade e muito trabalho de eletrotécnica (e que funcionou por pouco tempo e precariamente).

Por coincidência, o Cesar era um dos líderes dentre os formandos que trabalhavam para a realização da Grande Excursão aos Estados Unidos e um dia me confessou preocupado, pois havia surgido um impasse para a escolha do Chefe da delegação: os professores convidados, os Catedráticos, os grandes nomes da ESALQ, não aceitavam assumir o encargo porque o custo da passagem era alto e o salário, além de apertado, costumava atrasar. E foi aí que eu entrei na história quando falei, por brincadeira, que sendo ainda solteiro, poderia pagar a passagem em “suaves” prestações, mesmo com o meu minguado ordenado de professor não titulado.

Essa sugestão foi bem aceita pelos participantes do grupo principalmente por eu ser contemporâneo deles e porque costumava participar das suas atividades estudantis.

O então Diretor da ESALQ Prof. Hugo de Almeida Leme viu com bons olhos a ideia, pois eu já o assessorava na Diretoria a adminis-



Prof. Hugo A. Leme



trar a praça de esportes e acompanhava os estudantes nas disputas acadêmicas viajando com o ônibus da ESALQ. Assim, levou meu nome à “Douta Congregação” onde alguns integrantes não viam com bons olhos a entrega da chefia de “tão importante missão” a um mero Assistente que nem mesmo tinha o título de Doutor e cuja idade era “inferior à de alguns de seus futuros comandados”.

Mas, com a argumentação do Dr. Hugo, que sempre me prestigiou, chegou-se a um bom termo e o meu nome foi enviado ao Reitor da Universidade e aprovado como “Chefe” da Grande Excursão, que é como era chamada aquela atividade acadêmica.



Jornal de Piracicaba

Contudo, uns dias antes da partida, o Diretor Prof. Hugo de Almeida Leme me chamou para me dar as últimas instruções, ...e fazer sérias recomendações!



NÓS E A GUERRA FRIA

Para que se compreenda bem esta história é preciso retroceder até aquele conturbado e incerto ano de 1961, quando a humanidade chegou à beira de uma terceira guerra mundial. Vejamos aos fatos.

No dia 31 de janeiro Jânio Quadros tomou posse na presidência do Brasil e logo começou a alterar radicalmente os rumos da política externa brasileira, até então voltada aos EEUU, restabelecendo relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética e com a China, países socialistas e enviado ao Congresso Brasileiro projetos com medidas anticapitalistas.

Justamente quando começava a esquentar a guerra fria, aumentava a tensão entre os Estados Unidos e a então URSS com troca de insultos e ameaças de ambos os lados e que ficou conhecida como a “crise dos mísseis”.

Nos Estados Unidos, John F. Kennedy, que em 20 de janeiro havia tomado posse como Presidente, andava preocupadíssimo com Cuba de Fidel Castro e tentava evitar o surgimento de outros focos revolucionários que pudessem seguir aquele exemplo. Entre outras medidas de sua política externa, criou em março a Aliança para o Progresso, um novo programa assistencial de colaboração financeira e técnica para a América Latina.

No dia 15 de abril de 1961, os Estados Unidos, através da CIA, apoiavam militarmente a invasão de Cuba



FIDEL CASTRO: ATOR
A Alemanha em 1945 guerra
ENTREVISTA EXCLUSIVA DE JANEIRO



na frustrada aventura na Baía dos Porcos, que acabou sendo rechaçada pelas forças de Fidel. No dia seguinte o primeiro-ministro da União Soviética, Nikita Krushev enviou carta ameaçadora ao Presidente Kennedy condenando a ação militar e colocando o seu poderio bélico para proteger Cuba.

Imediatamente nosso Presidente Jânio Quadros se posicionou ao lado de Cuba e, de forma provocadora, convidou Fidel Castro para visitar o Brasil, o que não aconteceu na ocasião. Porém, em 29 de julho ele receberia calorosamente em Brasília o cosmonauta soviético Yuri Gagárin e em 19 de agosto condecoraria "Che" Guevara com a Medalha do Mérito do governo brasileiro. Enfim, suas atitudes intempestivas e suas diretrizes na economia e na política externa do Brasil repercutiam com muito espanto em todo mundo e principalmente nos Estados Unidos, que se viam contrariados em seus interesses.

Em julho, uma semana antes de nossa partida recebi um telegrama do Presidente Jânio Quadros desejando-nos “boa sorte na missão de representar lá fora o povo brasileiro” e ao mesmo tempo, anunciando que havia colocado à nossa disposição “todos os funcionários do governo, aqui e no exterior, para tudo aquilo que necessitássemos”.

No dia 24 de julho, quando já estávamos em Fort Collins, Colorado, ele mandaria um memorando à embaixada brasileira em Washington e a todos os consulados do Brasil nos EUA, salientando a “importância de nossa visita” e recomendando “total assistência” à nossa delegação.

Na véspera da partida, 14 de julho, fomos recepcionados com um jantar no Consulado Americano em São Paulo. Pois foi com essa carga emocional que passamos os



28 dias rodando os Estados Unidos, para regressar no dia 15 de agosto de 1961.

Só para lembrar, o Sr. Jânio da Silva Quadros renunciou à Presidência da República dez dias depois

DIA 25-7-1961

Assistência à delegação de estudantes da Escola "Luiz de Queiroz"

BRASÍLIA, 24 (A) — Tendo em vista a viagem de estudos que efetuam, no momento, aos Estados Unidos, os estudantes da Escola Superior de Agricultura «Luiz de Queiroz», da Universidade de São Paulo, o presidente da República determinou, através de memorando aos ministros das Relações Exteriores e da Agricultura, conceder-lhes toda a assistência principalmente através da

Embaixada em Washington e dos consulados naquela Nação.

Salientando que essa excursão é do maior interesse para o país e que os formandos em agricultura vão ampliar seus conhecimentos para melhor esquematização dos nossos problemas agrários, o chefe do governo recomendou todas as facilidades à delegação, com a finalidade de serem obtidos resultados vitais para a nossa economia e aperfeiçoamento técnico da nossa agricultura.

Jornal de Piracicaba



A VIAGEM DE IDA

A notícia da excursão foi festejada com grande alarde e destaques nos jornais locais e até nos de São Paulo.



Embarque em Congonhas – São Paulo

A viagem começou dia 15 de julho por Congonhas, na época o único aeroporto internacional de São Paulo, pelo voo 850 no Super G Constellation da Varig prefixo PP-VDF. Foi grande a agitação na despedida do grupo por parte dos familiares e amigos dos estudantes. Os Super G Constellations eram quadrimotores a pistão, luxuosíssimos, mas já estavam em fim de carreira e pouco tempo depois seriam substituídos pelos jatos. Na ocasião a Varig já operava a jato para New York com os franceses Caravelle, muito mais rápidos, mas o valor da passagem era bem mais caro.



A viagem pelo Constellation levou 25 horas, com 5 escalas, coisa que um Boeing viria fazer em apenas 9 horas sem escalas algum tempo depois. Porém em luxo, conforto e charme não chegava nem perto dos Super G.

A primeira escala foi no aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro (ainda não havia o Galeão), e depois de quase 6 horas de voo descemos em Belém do Pará, onde descansamos um pouco. Logo que levantamos voo começaram as brincadeiras que nos acompanhariam pelos 30 dias de excursão e a primeira delas, foi tentar “mostrar” aos mais ingênuos a “linha” do Equador para depois realizar o “batismo”. Divertimos muito pois alguns não conseguiram ver a importante “linha”, apesar dos nossos esforços.

A terceira escala foi em Port of Spain na ilha de Trinidad (hoje capital de Trinidad e Tobago): nada muito além de uma pista e dispositivos para reabastecimento de aviões. Descemos e ficamos perambulando pelo asfalto encantados com os nativos em seus trajes típicos entoando suas músicas no delicioso ritmo caribenho.

A próxima parada foi em *Ciudad Trujillo*, que é como havia sido rebatizada Santo Domingo, a capital da República Dominicana, que na época era dominada pelo ditador Rafael Trujillo.

Ali tudo era Trujillo! Saímos do *Aeropuerto Trujillo*, pela *Calle Trujillo*, em ônibus da companhia *Trujillo* e demos uma rápida volta pela *ciudad* onde gastamos alguns *cents de Trujillo*: a moeda local, que era exatamente igual ao dólar em valor, formato e design e servia nas máquinas de Coca-cola e nas de *recuerdos* no *aeropuerto Trujillo* e nas espalhadas pela cidade.



No Aeroporto Trujillo, Ciudad Trujillo (hoje Santo Domingo)

Mais cinco horas de voo no segundo dia de viagem e, finalmente, avistamos o ícone da cidade, a Estátua da Liberdade: estávamos chegando em Nova York. Quando descermos no aeroporto *Idlewild* (que depois seria rebatizado *J. F. Kennedy*) em Nova York, dois brasileiros, Claudio Rabello e Ziegfried Schwantes, contratados como intérpretes pelo Departamento de Estado norte-americano para nos acompanhar durante a excursão, estavam a nossa espera e nos encaminharam para o balcão do terminal internacional da Varig onde recebemos orientação sobre a aduana local e como evitar possíveis problemas com nossa bagagem.

Ficamos apreensivos porque na justificativa da viagem junto a USP e órgãos federais para oficializar o evento, estava escrito que o objetivo era *aprimorar os conhecimentos*



adquiridos pelos formandos e divulgar nossos produtos agrícolas. Com isso, os organizadores haviam se movimentado e levantaram recursos junto ao IBC – Instituto Brasileiro do Café, através do pai de um deles e com os fabricantes da Caninha Tatuzinho, muito famosa na época. Por outro lado, ao retirarmos as passagens, a Varig havia nos presenteado com maletas promocionais e então ficou combinado que cada um levaria na sua maleta *amostras dos nossos produtos agrícolas*: dez pacotinhos de café em grãos e quatro garrafas da aguardente piracicabana.



Partindo para Washington (com as maletas cheias...)

Isso seria impossível nos dias de hoje devido às normas internacionais vigentes, mas aconteceu e não tivemos problemas nenhum com isso. Abrindo um parêntesis, é bom lembrar que isso foi muito bom porque durante os 30 dias não precisamos nos preocupar com o suprimento alcoólico, pois esse combustível tão familiar para nós fora incluído na bagagem de mão. Entretanto, apesar das recomendações, alguns



se excederam nos esforços em demonstrar a superioridade do produto piracicabano ante o famoso *bourbon* local.

E tudo correu muito bem. Fomos orientados de que teríamos que sair da ala internacional, que era separada dos pontos de taxi e de ônibus e passar para a ala nacional do aeroporto para prosseguir viagem até Washington, nossa primeira parada. Os apressadinhos logo saíram na frente, mas pararam numa enorme porta de vidro. O primeiro deles, o Martinho, que tinha uma mala em cada mão e mais pacotes e etc. pendurados no pescoço, não teve dúvidas, olhou para um lado, olhou para o outro, ninguém observando, levantou o pé direito em direção a porta de vidro que, antes de ser tocada, se abriu “milagrosamente”. Foi essa a nossa estreia com a alta tecnologia.

Para prosseguir nossa viagem para Washington precisávamos tomar um ônibus até o terminal da United Airlines que operaria aquele voo. Nossas malas foram então colocadas no porta-bagagens traseiro do ônibus e na hora de desembarcá-las, cada um tinha que pegar a sua e se apresentar para check-in na ala de embarque doméstico. Criou-se então uma confusão em torno do funcionário do ônibus, que só falava inglês, enquanto descarregava aquela montanha de malas e cada um pedindo a sua aos berros. Maurício conta que no meio dessa confusão o Mané Boiada gritava:

- *Aquela verdinha*. E repetia: *Aquela ver-di-nha!*

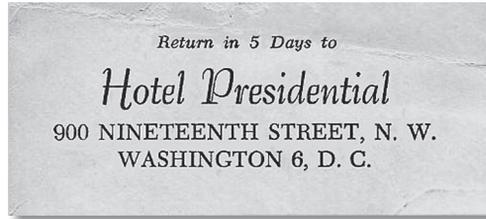
E o funcionário americano, evidentemente, não entendendo nada, ficava olhando confuso para a cara dele. E o Mané repetia e repetia, e o funcionário nada. Mané então sentenciou:

- *Como são burros! Não entendem nada!*



WASHINGTON DC

Depois de muita correria embarcamos para Washington no luxuoso Douglas DC-6B da United, com escala na Philadelphia. O avião oferecia o serviço “*Black Swan*” e era equipado com mesas e sofás. Foi o nosso primeiro contacto com americanos com os quais, alguns de nós conversaram durante essa viagem e inclusive, na escala em Philadelphia.



Numa noite quente de verão, chegamos ao Presidential Hotel, em Washington DC. A maioria foi dormir, mas alguns saíram perambulando pelas ruas próximas para fazer o “reconhecimento” da cidade, como dizíamos. Passamos então a vivenciar pequenas e estranhas emoções como aquela de conhecer a máquina automática de vender lanchinhos e bebidas e admirar uns poucos, mas belíssimos carros circulando pelas avenidas muito largas da capital.

Estávamos parados à beira da calçada junto a um semáforo preparando para atravessar a rua quando o Baleia se virou e disse:

- *Vamos experimentar o freio desses carrões.*

E ao ver um carro se aproximando, com o sinal verde para ele (e, óbvio, vermelho para nós...) fez gestos de atra-

vessar colocando o pé direito no asfalto. Imediatamente ouviu-se estridente brecada e a seguir, a nossa risada. Num outro dia ele tentaria novamente a brincadeira, mas desistiu ao ver o tamanho do guarda que, gentilmente, nos deu uma aula de como atravessar a rua na faixa de pedestres.

Mauricio conta que ele e mais alguns estavam no hall do hotel prontos para subir quando veio o elevador: *as portas se abriram e já tinha gente dentro quando embarcamos apressados e logo ele começou a subir. Encostado no fundo estava um homem magro e alto, muito alto! Disfarçando, o Dito Cambará olhou bem a figura e disse ao Zé Guaiaca que estava na sua frente:*

- Ô Zé. Olha o tamanho deste americano aí. O que será que estes caras comem prá ficar deste tamanho?

O Zé Guaiaca riu e disse: *Parece um varapau. Acho que eles comem fermento!*

E todos nós caímos na gargalhada. Inclusive o tal americano, que era tão brasileiro como nós.

No dia seguinte, 17 de julho de 1961, começava a nossa visita oficial com uma reunião no Departamento de Estado para que pudéssemos tomar ciência da programação e detalhes burocráticos. Fomos recebidos por Mr. Hugh Jenkins, tendo-se juntado a nós Mr. Arden Du Bois.

Mr. Du Bois, funcionário do Departamento de Estado, tinha sido adido cultural na Embaixada americana no Rio de Janeiro por mais de dez anos e falava bem o português. Nos disse que estava com saudades do Brasil e, como tinha direito a uma folga, resolveu nos acompanhar nesse tour. Conversando em português Mr. Du Bois nos disse que morava ali perto, tinha um casal de filhos brasileiros,



adolescentes, o rapaz estudava fora e a filha, de 15 anos, tinha ido acampar nas montanhas com o namorado.

Espanto! Foi o nosso choque com o modernismo!

Na mesma manhã, fomos para a sede do *U.S. Department of Agriculture*, equivalente ao nosso Ministério da Agricultura, para uma reunião com Sr. Carlos Ortega, da Seção de Relações Exteriores que nos passou a programação e a seguir, fomos ao encontro do secretário da Agricultura do governo Kennedy, Mr. Freedman, ex-governador de Minnesota.



U.S. Department of Agriculture





Nosso encontro com o Secretário de Agricultura

A conversa foi bastante descontraída, com muitas fotos e trocas de mimos. Ele e seus assessores fizeram toda sorte de autoelogios procurando mostrar que os E.U.A. eram os melhores e os maiores em tudo e se sentiam muito dispostos a colaborar com os latinos (nós). Então alguém lembrou que todos ali eram agrônomos menos um, justamente ele, o Secretário da Agricultura, não era, e perguntou-lhe como se sentia no cargo. Sorrindo respondeu que o cargo era político e para tratar de agricultura propriamente dita ele tinha sua Secretaria inteira à disposição.

Foi o nosso encontro com a realidade política.



KINGSVILLE, TEXAS

Dia 18 pela manhã saímos com destino ao Texas numa longa viagem, realizada em três etapas: a jato de Washington a Dallas em um Boeing 707 da Braniff; de Dallas a San Antonio e de lá a Corpus Christi (no litoral do Golfo do México), num Convair 440 da Trans Texas e finalmente de ônibus a Kingsville, onde se localizava o King Ranch, nosso destino.

No voo até Dallas fizemos amizade com as aeromoças e uma delas se dispôs a levar Mauricio e mais dois para um tour pela cidade durante o tempo da escala. Foram num carro Ford 1960 e ela pediu mil desculpas porque não estava equipado com ar-condicionado, o que já era muito comum por lá e um luxo para nós! Conheceram *Cotton Bowl* e *downtown Dallas*, com os seus enormes edifícios.

A escala em San Antônio foi rápida e o pitoresco deste trecho até Corpus Christi foi a indumentária de *cowboy* usada pelas aeromoças da TransTexas. Dali partimos de ônibus para Kingsville, onde nos esperava o reitor do *Texas College of Arts and Industries*, J.W. Rowe. Ficamos hospedados no Hotel Casa Ricardo em estilo colonial, muito simpático e confortável.

Dia 19 fomos visitar o famoso *King Ranch*, uma enorme área abrangendo seis condados, fundado em 1853 pelo Capitão Richard King, o sempre lembrado pioneiro em melhoramento genético para gado de corte visando produzir animais precoces, mais rentáveis, mais resistentes e que deu origem a raça *Santa Gertrudis*, agora, difundida mundialmente. Percorremos pastagens, currais e acompanha-



mos os trabalhos de conservação de pastos sempre a bordo de confortáveis automóveis Chevrolet *Impala* e Ford *Fairlane*, do último tipo.

Estava combinado que após o passeio da manhã os nossos anfitriões iriam nos oferecer um *barbecue*, o churrasco deles e havíamos combinado entre nós que em retribuição íamos oferecer a nossa famosa *caipirinha*, já que o que não faltava era a pinga.



Servindo caipirinha

Porém esbarramos no inesperado: faltavam os limões! Procuramos pela cidadezinha e nada de limão. A salvação veio quando alguém apareceu com um vidrinho de “suco” de limão industrializado comprado num mercadinho local. O churrasco foi um sucesso, carne de primeira servida à vontade e até miolos servidos na própria carcaça da cabeça,



mas a caipirinha ficou uma bomba! Não agradou aos esalqueanos e muito menos aos texanos.

Certa noite alguns dos nossos, interessados em confraternizarem-se com as “nativas”, saíram pela cidade a procura de *sororities*, ou seja, repúblicas de garotas e acabaram achando uma delas onde acontecia uma festa. Conversa daqui e dali, mas as tentativas de entrada na comemoração foram frustradas e ainda mal interpretadas pela *controller* da república, que achando que estivesse sendo assediada por um bando de mexicanos desordeiros, chamou a polícia. Logo chegaram dois carros com policiais armados, mas, depois de identificados e de ouvirem as explicações, comboiaram o alegre grupo de volta ao hotel.



Texas A & M University

Nos dias seguintes visitamos fazendas de algodão, de cereais e de avicultura, e depois a faculdade de agricultura do *Texas College of Art and Industries*, a Texas A & M, a mais antiga do Texas.

Em Kingsville fizemos nossa estreia no mundo do consumo, mas nos limitamos a comprar apenas alguns itens para o dia-a-dia como uma calça *Lee* e duas ou três *T-shirts* e lembranças típicas locais. Entretanto, quase todos nós compramos um chapéu texano. Kingsville era uma cidade pequena, agradável, que cresceu em função do

King Ranch, daí seu nome. Talvez por ser a primeira onde realmente tivemos contato direto com o povo e pelas nossas primeiras ações, o fato é que nos deixou muitas boas lembranças. Os “mais experientes” nos alertavam que os preços e a variedade em Nova York eram imbatíveis e que até havia a possibilidade de serem livres de taxas.

A maioria seguiu à risca o conselho, mas ficamos sem as máquinas fotográficas que só seriam compradas em New York e entregues dentro do avião pelo comandante, instantes antes da decolagem de volta. E assim demos adeus ao Texas onde tudo era grande, superlativo, como o fato de correr atrás de boi no pasto com luxuosos carrões último tipo, abrindo as porteiiras com um tranco do para-choque.

Dia 22, pela manhã, deixamos Kingsville City viajando de ônibus para Corpus Christi onde, à tarde, tomaríamos avião para Denver no Colorado. Aproveitando a folga do horário fomos visitar a base aérea da marinha americana ali sediada, a *Corpus Christi U.S. Navy Air Base*, um importante centro de treinamento para pilotos que operavam em porta-aviões. Ali os nossos “fotógrafos” aproveitaram para tirar fotos junto àqueles aviões famosos, como os caças *Grumman Cougar*.



FORT COLLINS, COLORADO

A viagem até o Colorado foi feita em duas etapas: a primeira, de Corpus Christi a Dallas, com escala em Austin e Fort Worth, foi num jato, um enorme Boeing 707 da Trans Texas, que ia como um pula-pula, descendo e subindo a todo instante. Dava até pena de ver o piloto sendo obrigado àquele sobe e desce sem ter tempo para estabilizar o monstrengo, dada a curta distância entre as cidades. Por exemplo, as cidades de Fort Worth e Dallas distam apenas 55 km entre si, mas ele desceu nos dois aeroportos (hoje em dia existe um único aeroporto para servir as duas cidades).

O aparelho sofria mais do que as belas *station wagons* nos pastos do King Ranch e na decolagem estremecia todo com suas asas batendo tal qual um gigantesco urubu metálico, o que levou alguns dos nossos ao desespero.

Paramos um pouco no aeroporto de Dallas e logo embarcamos num Electra II da Braniff com destino a Denver, no Colorado, com escalas em Lubock e Amarillo. Ali ocorreu um fato pitoresco: nessa escala subiu no avião uma jovem mãe carregando um recém-nascido, evidentemente, com toda aquela tralha a que tinha direito e foi sentar-se na poltrona ao lado do Kunio. Este todo gentil, se desdobrou em atenções durante o voo assumindo o papel de pajem e desceu todo orgulhoso no aeroporto de Denver com o nenê no colo.

Do aeroporto fomos de ônibus para a cidade de Fort Collins, onde ficamos hospedados no Northern Hotel, bem no centro da cidade, onde permanecemos até o dia 26 de julho.





Kunio com o nenê, a mãe e o Cesar



Northern Hotel



Nossa programação foi intensa, com pequenas viagens por toda a região em torno de Fort Collins, percorremos os campos experimentais da Universidade do Colorado, conhecemos o cultivo com *mulch* - prática necessária devido ao baixo índice de chuvas da região e o intenso frio no inverno nas Montanhas Rochosas. Alguns anos depois aquela região se tornou um elegante centro turístico para prática de esportes de inverno, onde sobressai, entre outras famosas, a cidade de Áspen.

Fort Collins, uma cidade universitária bem melhor que Kingsville, já nos oferecia alguns atrativos pelo seu comércio, pelas coisas típicas, pela paisagem e, portanto, oportunidade para se gastar alguns dólares. Era então a hora para descontar os nossos cheques, pois, quando passamos por Washington para receber as boas-vindas e instruções do Departamento de Estado, foi dado a cada participante um cheque de US\$ 300 para as pequenas despesas do dia-a-dia, uma vez que passagens e estadias estavam todas pagas. Como todos haviam levado alguns dólares em papel moeda a maioria resolveu guardar seu cheque para descontar posteriormente e cada um improvisou a maneira mais “segura” para tal: na carteira, no passaporte, no fundo da mala etc., e os mais desconfiados, na *guaiaca*, na meia ou num bolso improvisado da cueca. Em Fort Collins, passados alguns dias, quando se tentou descontar os cheques, veio a surpresa: os bancos o estavam recusando devido seu mau estado deles.

O cheque, que na realidade era um cartão perfurado de computador IBM (aquele dos anos 1960!) não poderiam ser processados pois, alguns deles estavam suados, ou



dobrados, rasgados, amassados e não eram aceitos pelas máquinas que exigiam as cartolinas perfeitas. Foi necessária a intervenção dos nossos intérpretes para solucionar o impasse.

Recorde Olímpico - Depois de dez dias de viagens levantando cedinho, passando o dia todo atrás de boi em invernadas, ranchos e afins, alguns de nós já cansados daquela maratona, resolvemos “ficar doentes” no dia em que estava programada uma visita às instalações pecuárias de gado confinado no condado de Greeley, cerca de uma hora de Fort Collins, famosas pelo seu automatismo, até então inexistentes no Brasil. Assim, eu e outros quatro, avisamos os demais da nossa “indisposição” e que permaneceríamos no Hotel, descansando. Ninguém acreditou, mas concordaram.

Aproveitamos então para conhecer um pouco da cidade, perambulando pelas ruas, vendo vitrines, comparando preços, comprando lembrancinhas e acabamos num barzinho que parecia cenário de filme de *farwest*. Estávamos recostados no balcão procurando aferir a suposta superioridade do *Bourbon* sobre a nossa pinga, quando alguém puxou conversa com um grupo de estudantes da universidade local e que, surpresa, eram integrantes da equipe de atletismo.

Para animar o papo fui logo dizendo que gostava de atletismo, que havia praticado salto em altura nos tempos de estudante e, inclusive, tinha obtido vários títulos e por isso, convocado para participar de campeonatos sul-americanos e um mundial, o que é pura verdade. Aí um deles me perguntou qual teria sido o meu melhor resultado e eu res-



pondi orgulhoso 1 metro e 90 centímetros! Como nenhum deles entendeu aquela medida no sistema métrico-decimal, me pediram para converter. Pensei um pouco, fiz uns cálculos de cabeça e respondi: tantos pés e tantas polegadas! O espanto foi geral, pois acho que naquele momento eu acabava de bater o recorde olímpico da modalidade, tal era a alegria daqueles jovens.

Me elogiaram, pediram detalhes da técnica usada e queriam a todo custo me levar para conhecer o treinador da equipe. Foi uma situação muito difícil, dei um milhão de desculpas e escapei dessa, mas até hoje eu não sei qual foi esse “meu recorde” que causou tanto espanto.

Faltou Oxigênio - Estávamos apenas na metade da viagem e a turma estava realmente cansada daquele puxado programa de visitas que começava cedinho com o ônibus buzinando na porta do hotel e só terminava tarde do dia, não dando chance de se conhecer as cidades, o povo, os costumes, as lojas...

Percebendo a nossa situação, Mr. Du Bois (nessa altura já sabíamos que era ele quem mandava...) acertou um passeio ao *Rocky Mountain National Park*, perto de Fort Collins, que não estava na programação.

Logo cedo já estávamos no ônibus que nos levaria ao *Estes Park*, uma hora e pouco, no alto das Montanhas Rochosas. Para a maioria a principal atração era chegar até a neve, sentir nas mãos aquela neve eterna, embora estivéssemos em pleno verão, e que nós a enxergávamos de Fort Collins, bem ali na nossa frente, naqueles picos de 3 ou 4 mil metros de altitude.



Estes Park, Colorado

À medida que o ônibus ia subindo a montanha, os guias descreviam a paisagem e nos alertavam para o ar que ia se rarefazendo rapidamente. Num mirante da estrada o ônibus parou para que descêssemos e conhecer uma vasta cobertura de gelo que se estendia a cerca de 100 metros na nossa frente.

Antes de se abrirem as portas, mais recomendações sobre o ar muito rarefeito e os efeitos da falta de oxigênio! Mas foi tudo em vão porque saímos todos correndo em direção ao gelo e foi quando alguns sem fôlego, foram caindo pelo caminho em meio a gargalhadas gerais.

Para celebrar o momento fizemos uma grande festa, uma verdadeira batalha de bolas de neve em que todos participaram.

Inclusive Mr. Du Bois que se divertiu pra valer.

Terminava assim a nossa estadia no Colorado pois



no dia seguinte tomaríamos um ônibus para Denver onde embarcaríamos no voo para Omaha, no estado de Nebraska.



Mr. Du Bois entrou na brincadeira



OMAHA, NEBRASCA

K*ennedy si, Castro no!* Num voo da United Airlines chegamos a Omaha, na tarde do dia 26 de julho. No dia seguinte um ônibus veio para nos levar a uma bonita recepção para tomar o café da manhã com o Reitor e representantes estudantis no *Student Center* da *Omaha University*, com direito a discursos e troca de brindes.

Porém, a maior surpresa mesmo foi que um grupo de repórteres de jornais e TV nos esperava na porta da universidade com câmeras e microfones, querendo saber a nossa opinião sobre Cuba e Fidel Castro.



A entrevista foi gravada em película 9 mm pois na época não havia o vídeo-tape.



É que a tensão internacional sobre a crise cubana vinha aumentando e dois dias antes o nosso então Presidente Jânio Quadros, após ter divulgado que dia 29 de julho receberia em Brasília o cosmonauta soviético Yuri Gagárin, havia mandado um telegrama à embaixada brasileira em Washington para que dessem *ampla cobertura e proteção* à nossa delegação.

De repente (para eles!) nós nos tornamos importantes e queriam saber, afinal, de que lado o Brasil estava: Fidel Castro ou John Kennedy!

Ora, depois de doze dias viajando e quase sem notícias do Brasil e do mundo, a pergunta era uma bomba apesar de não estarmos alienados ou indiferentes ao que ocorria no planeta.

Embora a maioria tivesse uma opinião já formada o bom senso recomendava que fôssemos cautelosos nas respostas, sem mostrar muito entusiasmo nem por Jânio, nem por Kennedy e isso era muito difícil, principalmente se expressando numa outra língua que não dominávamos perfeitamente.

E eu era o “chefe”!!

Felizmente, quem nos salvou, foi o Schwantes que, com seu inglês impecável, soube diplomaticamente contornar a situação. Eu falava e ele traduzia, mas nunca eu soube o que eles realmente ouviram do intérprete e muito menos o que falaram e comentaram na edição noturna da TV, que não foi por nós gravada.



Story below.
Souvenirs for all . . . Canto (left) gives pennant to Miss Moe while Estellita, Maurilio Carvalho snap pictures.

'Let Cubans Handle Fidel'

20 Brazilian Visitors Warn of Intervention

A delegation of Sao Paulo collegians were in Omaha Thursday, singing the Brazilian equivalent of "Yankee, Doodle, No."

However, they cautioned against overt action by the United States in ousting the Cuban badman.

"It is a Cuban problem, the people will take care of it," said Mauricio Estellita, one of 20 senior students from Luiz de Queiroz Agricultural School, a branch of the University of Sao Paulo.

"In the beginning, we were impressed by Castro," continued Mr. Estellita. "Now we are disappointed. The Cuban people will take care of Castro. They will get rid of him, just like Batista."

Visit O. U. Campus Through State Department interpreters reporters questioned the visitors for their views on United States' intervention.

The students shook their heads vigorously.

"They mean that for Russia, too," reported S. J. Schwantes, a Brazilian in graduate work at Johns Hopkins University hired by the Government to escort the group.

Arriving late Wednesday, the Brazilians spent the night at the vacated Brownell Hall dormitory and were up early Thursday to inspect the University of Omaha campus. They were pleased with the scenery, they said, but not with the coffee served during a mid-morning social period.

Minneapolis Next

"Back home it is much stronger," explained Mr. Schwantes. "However, each school has taken a cup and sipped so as not to offend the hosts."

In honor of the visitors, the university rounded up several co-eds to act as hostesses during the coffee.

In return, Judy Moe, 2774 Martin Avenue, was given a pennant from the Brazilian school by Cesar August Canto.

Before leaving by bus Sunday for Minneapolis, the group will tour Boys Town, the Stock Yards, the Swift plant and Strategic Air Command.

... mas o jornal do dia seguinte anunciou: Brasileiros dizem Kennedy sim, Castro não!

A nossa visita à Universidade de Omaha foi muito proveitosa principalmente para conhecermos as suas estações experimentais de culturas irrigadas.

Tempos modernos - Em Omaha localizavam-se as maiores instalações de comercio, beneficiamento e industrialização de carne bovina do país (...e do mundo!) e foi lá que estivemos no dia 28 de julho. Nos *stocks yards*, imensos currais a céu aberto com passarelas sobre as cercas por onde circulam compradores e vendedores, eram negociados os rebanhos para abate originários do país todo. (Quem é dos tempos dos filmes de *cowboy* deve se lembrar das cenas de transporte de boiadas).

Depois fomos conhecer o *maior frigorífico do mundo*, o Frigorífico Swift. Um edifício enorme de tijolos aparentes e pedra, cobrindo oito quadras de um bairro onde tudo girava em torno do boi. Praticamente sem janelas, climatizado e com iluminação artificial, era um verdadeiro



labirinto de salões, corredores, de elevadores, escadas e esteiras trançando por todos os lados.

Depois de quase duas horas de vai e vem, saturados e enjoados de ver tanto sangue escorrendo, paramos para respirar num corredor estreito em frente a uma pequena parede envidraçada, quando presenciei uma cena que muito me marcou. Pelo vidro podia-se ver que era um cubículo, que mais parecia um pequenino banheiro, todo azulejado e sem janelas. Na parede do lado esquerdo havia uma pequena abertura que dava passagem a uma esteira rolante que rapidamente sumia, por uma outra abertura igual, do lado direito. Atrás dela, em pé, o encarregado daquela seção todo de branco num macacão emborrachado, com óculos de proteção, touca branca e máscara na boca.

Em sua mão direita portava uma meia-luva sem dedos, de couro, parecida com aquelas de pilotos de fórmula 1, empunhando um afiadíssimo facão de umas 15 polegadas e, na mão esquerda, uma luva de malhas de aço como proteção. A rápida esteira que desfilava a sua frente levava os suínos abatidos que estavam sendo processados e por isso ele não podia desgrudar os olhos de seu único e importante trabalho: cortar o rabinho do porco! Vinte ou trinta porcos por minuto! Durante oito horas de trabalho! Milhares de rabinhos por dia!

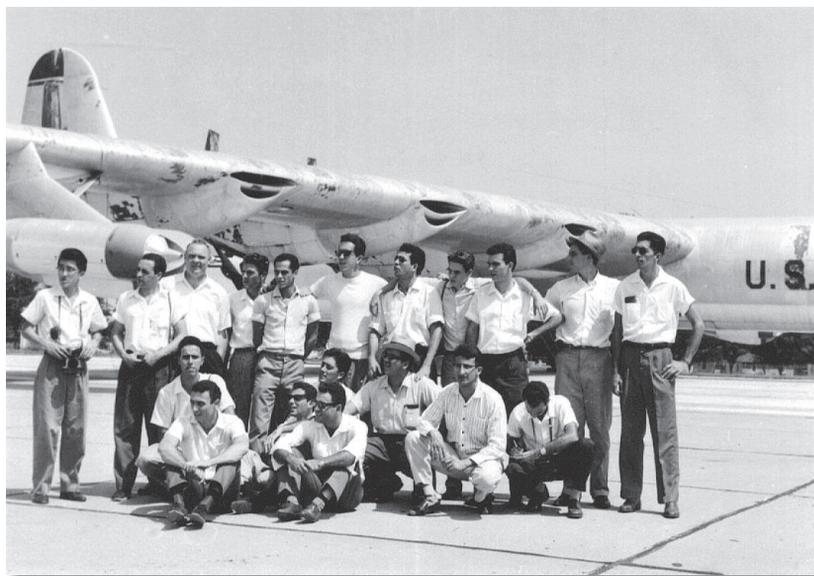
Foi então que entendi a profundidade da crítica de Charles Chaplin, o Carlitos, em seu clássico filme “Tempos Modernos”.

Comando Aéreo Estratégico - Em Omaha ficamos conhecendo também a *Boys Town*, famosa instituição de ensino e assistência, um modelo para educação de menores

órfãos, fundada pelo Padre Flanagan e localizada em uma grande instalação conhecida como a Cidade dos Meninos.

Mas o maior orgulho de Omaha era o SAC, o Comando Aéreo Estratégico da força aérea americana. Uma instalação militar altamente estratégica, pois estava localizada no centro geográfico do país e era a base dos enormes aviões bombardeiros de transporte intercontinental e ataque com artefatos nucleares, que formavam o esquema de defesa e ataque dos Estados Unidos.

Além disto, abrigava os estoques de mísseis e instalações de alto comando, totalmente subterrâneas, para caso de um confronto nuclear.



No Lincoln Air Base (Comando Aéreo Estratégico)

Próximo dali também se localizava a *Lincoln Air Base*, abrigando um enorme museu da aviação de guerra,



aberto ao público e onde podia se observar uma vasta coleção de aviões de todos os tipos.

Ali pudemos conhecer o maior bombardeiro até então construído, o B-36, equipado com 10 motores, sendo 4 a jato puro e seis turboélices e que, curiosamente, não chegou a entrar em operação pois tornara-se obsoleto com a introdução do jato puro na aviação de um modo geral.

Passeamos por tudo e muitas fotos foram tiradas, pelo Estellita, que é louco por aviões e que assim saiu babando.

Dia 30, viajando quase que o dia todo num confortável ônibus da famosa companhia Greyhound (aquela do galgo correndo) saímos de Nebraska, atravessamos o estado de Iowa, autocognominado “a terra do milho alto” (mas que não era muito mais alto que o nosso milho) e chegamos a Minneapolis, estado de Minnesota.



MINNEAPOLIS e SAINT PAUL

Nossa ida a Minneapolis, estado de Minnesota deveu-se à influência do Secretário da Agricultura Orville Freeman, que até janeiro daquele ano havia sido governador do estado.

Minneapolis e sua cidade vizinha Saint Paul, no estado de Winsconsin, apenas separadas pelo famoso Rio Mississippi, ali, um pequeno riacho, formam um aglomerado urbano que é conhecido por *Twin-Cities*, ou seja, as Cidades Gêmeas. Ficamos hospedados no *International Center for Students and Visitors da University of Minnesota, School of Agriculture*, para um programa de três dias de visitas.

Seus alojamentos eram confortáveis, porém antigos e o movimento de estudantes, muito intenso. No dia seguinte visitamos a Universidade e a noite fomos convidados, em grupos de dois, para um jantar em residências de famílias.

O dia 1º de agosto passamos visitando a indústria de máquinas agrícolas Minneapolis-Moline, uma das mais antigas da América, que enfrentava uma enorme concorrência e lutava para sobreviver num mercado já dominado pela concorrente John Deere. Sua fábrica era antiga, escura, com maquinário obsoleto e com baixo volume de produção, o que a levou a encerrar suas atividades poucos anos depois.

O Mississippi canalizado - Na visita à Universidade, o que mais me marcou foi o Laboratório de Hidráulica, que eu havia pedido para ser incluído no roteiro, pois era um tema que me fascinava. Logo depois de formado, eu que nunca tive vocação alguma para agricultura e muito menos pecuária, engavetei meu diploma de engenheiro-agrônomo e fui



trabalhar numa indústria metalúrgica fabricante de turbinas hidroelétricas e equipamentos hidráulicos, exercendo as funções de projetista de rotores hidráulicos, tendo projetado e supervisionado instalações de máquinas em todo País tornando-me um *expert* no assunto o que, acredito, me qualificou para que em 1960 fosse contratado pela USP para atuar nesse campo na Cadeira Física e Meteorologia da ESALQ.

Naquele dia fui sozinho e passei encantado com os equipamentos, bancadas de teste, aparelhos de medidas de fluxo, experimentos sofisticados e ambiciosos projetos de pesquisa que me foram apresentados pelos maiores experts no assunto, ou seja, aqueles nomes que eu só conhecia pelos livros e *papers*. Eu estava agora no lugar onde sonhara e pensei comigo: *um dia vou voltar aqui para fazer o PhD.*



Expresso Zephyr a caminho de Chicago

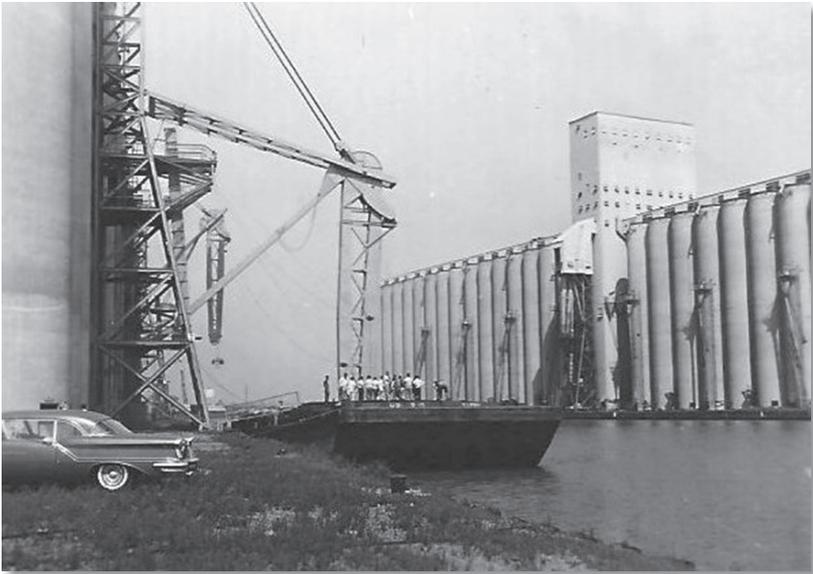
Entretanto, nunca mais voltei porque dois anos depois o Departamento de Física adotaria outras linhas de pesquisas e a mim foi designada a área de física nuclear aplicada à agricultura e ambiente. Mas ficou na memória a grata imagem do laboratório que se orgulhava, entre tantas conquistas, do privilégio de ter o famoso rio Mississippi passando por dentro do seu prédio.

Em Minneapolis embarcamos num trem de luxo de empresa *Burlington Route*, que oferecia seu serviço especial *Zephyr*, em vários trechos ferroviários do país. Esse trem, que já foi o mais veloz do mundo (147 km/h) nos anos quarenta do século XX, possuía alguns vagões dotados de duplo-deck com o superior envidraçado, permitindo uma bela visão do trecho montanhoso que atravessamos na viagem das *Twin-Cities* à Chicago.



CHICAGO, MICHIGAN

O programa foi muito mais turístico e menos técnico, embora a cidade não tenha sido do agrado da maioria. Suas ruas escuras, seus becos e o metrô elevado sugeriam que a qualquer momento encontraríamos os capangas de Al Capone numa esquina, mas nada disso nos aconteceu. Procuramos então conhecer o centro histórico, passear pela bela avenida que margeia o Lago Michigan e aproveitar para um passeio de *overcraft* da *Milwaukee Line* pelas suas águas tranquilas.



Porto graneleiro e os silos

Visitamos a Liga das cooperativas agrícolas americanas, o porto e os silos com as instalações de embarque de grãos a granel. Pela primeira vez vimos uma moega de



descarga que girava completamente um vagão graneleiro, descarregando-o totalmente em poucos segundos.

Feira Internacional da Indústria. O Museu de História Natural e o Museu de Ciências e da Indústria constituíam atrações permanentes da cidade e o ponto alto era um submarino alemão, capturado intacto durante a Segunda Guerra Mundial que podia ser visitado no prédio ao lado.



Museu de Ciências e da Indústria

Em seu recinto realizava-se a Feira Internacional da Indústria e o que nos impressionou bastante foi uma enorme exposição de trens elétricos em miniatura, da marca Lionel, o sonho de qualquer criança brasileira naquela época. Ganhamos uns brindes, compramos lembrancinhas e livros técnicos a preços acessíveis.

Ainda recentemente estava eu fazendo uma triagem, aliviando minha estante de livros, separando alguns para



doação à bibliotecas, outros para campanhas e alguns para os filhos e netos, quando deparei com vários que traziam a minha assinatura com os dizeres “Chicago, 4 de agosto de 1961”. Eram cerca de 10 livros técnicos de eletrônica e radiocomunicação, capa dura, pesadões, que me deram muito trabalho para trazer e me custaram preciosos dólares, embora comprados no *sale* daquela Feira.

A doce lembrança da nossa Grande Excursão compensou minha decepção ao constatar que esses livros estavam totalmente obsoletos, como não podia deixar de ser, após mais de meio século! O destino deles foi, claro, o lixo, ou melhor, reciclagem.



DE VOLTA A WASHINGTON

No domingo, 6 de agosto embarcamos no Aeroporto de O'Hare em Chicago, que naquela época era o mais movimentado do mundo, num voo da United Airlines para Washington DC, onde ficamos hospedados no mesmo Presidential Hotel.

Aliás, essa nossa segunda passagem pela capital americana nunca ficou bem explicada. Isso porque era norma do Departamento de Estado que toda visita de grupos similares ao nosso principiasse por Washington, com as boas-vindas e orientações de praxe, para então seguir o roteiro traçado, encerrando-se numa “porta” de saída como Nova York ou Miami, por exemplo, para retorno ao país de origem. Mas por uma razão que nunca nos foi explicada, foi incluída no nosso roteiro uma segunda passagem por Washington, antes da etapa final.

Assim, logo de manhã da segunda-feira estávamos lá, de novo, enfrentando os burocratas do *Foreign Training Division* do USDA que não tinham sido avisados de que essa era “nossa segunda passagem” e eles não sabiam como administrar aquela confusão que armaram para eles. Tratavam-nos agora, depois de 20 dias no país, como se fosse esse o primeiro dia, o início do tour, fazendo os mesmos discursos, projetando os mesmos filmes, mesmos slides e fazendo as mesmas recomendações que já havíamos visto no dia 17 de julho e o pior, colocando os verbos sempre no futuro: vocês verão isso, visitarão aquilo etc. De nada adiantaram as nossas explicações e os nossos protestos, pois os funcionários, admirados com o inusitado, se achavam



impotentes para mudar qualquer coisa pois só haviam decorado aquele *script*.

O jeito foi aguentar aquelas longas horas do *replay* da lavagem cerebral, evidentemente com muitas saídas e retornos às salas de palestras. Fora o dia perdido, o fato não nos causou maiores prejuízos além de constrangimentos gerais.



MEU AMIGO ESPIÃO



Mrs. and Mr. Arden Du Bois

Abro aqui um espaço para falar um pouco sobre Mr. Arden Du Bois. No início da viagem fiquei muito resabiado com Mr. Du Bois, um Coronel do Exército, reformado, muito simpático, cordial, mas misterioso e que não largava de mim. Sempre do meu lado no avião, no ônibus, no trem. Nos hotéis o seu quarto era sempre contíguo ao meu, não me perguntava nada, só respondia, mas observava tudo, principalmente quando eu anotava qualquer coisa no meu diário de viagem. Porém, quando eu escrevia uma carta ou cartão postal para mandar de lembrança para familiares e amigos do Brasil ele logo se prontificava para colocar no correio (???)

Mas a partir daquele episódio com os repórteres em Omaha, quando fomos fortemente assediados para um incisivo pronunciamento sobre o conflito com Cuba, seu



comportamento mudou, já estava convencido de que estávamos ali apenas com interesse técnico, sem fins políticos, preocupados sim, com a crise mundial, mas sem fanatismo algum, sem tendências para um lado ou para outro, muito embora no grupo existissem convicções políticas divergentes. Com isso ele se tornou mais amigo, mais aberto comigo, falando-me do seu tempo no Brasil como adido cultural na Embaixada e principalmente da família e de seus dois filhos, nascidos no Brasil.

Quando retornamos a Washington ele me convidou para conhecer o seu local de trabalho enquanto a turma faria uma visita à Estação Experimental de Beltsville, em Maryland. Assim no dia seguinte ele foi me buscar no hotel logo cedo, dirigindo seu próprio carro, e fomos ao Departamento do Estado onde estacionou numa vaga “reservada”. Um estranho privilégio, pensei. Entramos, eu e ele, pela porta principal e conforme íamos caminhando pelos largos corredores as portas iam se abrindo e as pessoas nos cumprimentando até que, depois de passar por 3 ou 4 salões, chegamos à sala dele, com seu nome na porta. Era uma sala enorme com uma mesa de reuniões no centro, um canto com sofás e poltronas e jornais e revistas na mesinha de centro onde me acomodei e, perto da parede envidraçada, sua enorme mesa de trabalho. Pegou um dos telefones, falou com alguém e logo apareceu uma senhora com uma pilha de correspondência e lhe entregou. Pediu licença a mim, separou algumas cartas, abriu uma delas e deu ordens à secretária pelo interfone.

Então, levantando-se, convidou-me para um passeio pelo prédio, porque precisaria esperar uma resposta qual-



quer. Só então me dei conta que ele era uma pessoa muito importante e que nós, naquele momento, também éramos muito importantes para eles. Caminhamos por um largo corredor com algumas portas fechadas, máquinas de vender latinhas de Coca-Cola, doces e lanches pelos cantos. Depois prosseguimos quando de repente paramos num guichê e ele me disse que era ali que ficava um “supercomputador que guardava informações de todas as pessoas de destaque no mundo”, não só líderes políticos, mas também esportistas, artistas, populares importantes bem como aquelas de nível universitário, como nós por exemplo. Fiquei espantado pois estávamos no ano de 1961, a eletrônica ainda era de válvulas e a de estado sólido (atual) engatinhava.

Percebendo meu espanto, apresentou-me a um funcionário atrás do balcão e me desafiou: - *Diga o nome de uma pessoa e nós lhe daremos a ficha dele* (uma pessoa com perfil dentro daquelas características, naturalmente). Pensei um pouco e pedi: *Quero saber onde anda o meu amigo Sérgio Vergueiro que se formou no ano passado na ESALQ, saiu viajando pelo mundo e não deu mais notícias.* Ele tomou nota num papel e deu ao funcionário. Fomos tomar um café em uma daquelas máquinas e quando voltamos lá estava a informação: *O seu amigo é assim, assim, gosta de cantar ao violão, viajou pela Europa, esteve na Índia, no Japão e chega...* (interrompeu por um instante e depois concluiu) *...e está chegando hoje em Nova York onde ficará hospedado no hotel tal.*

Três dias depois, quando já estávamos em Nova York fui direto ao endereço que o funcionário havia me fornecido e lá encontrei o Serginho, com o seu violão.



A DESPEDIDA



Maurício, Mr. Ortega, Epaminondas, Mrs. Ellis e Baleia

Dia 10 foi o nosso último em Washington pois naquela noite mesmo seguiríamos para Nova York, a derradeira etapa. A tarde foi reservada para irmos ao Departamento de Estado nos despedir dos patrocinadores da excursão e agradecer as pessoas que organizaram e estiveram em contacto conosco durante esse tempo e principalmente Mrs. Imogene Ellis, responsável pelo programa e de Mr. Du Bois, que compareceu com a família. Foi uma reunião bem alegre, cordial, com muita troca de endereços.

Mas para mim a surpresa do dia aconteceu minutos antes da chegada ao *Foreign Student Service Council*, local do encontro, que não era longe do nosso Presidential Hotel na 19th Street e por isso fomos a pé, caminhando pela parte mais central de Washington. Por ter que tratar de alguns detalhes me atrasei, o grupo seguiu na frente e depois



de alguns minutos fui sozinho. Caminhava apressado pela Avenida Pensilvânia, com pouco movimento naquela hora, quando vi na minha frente, não muito distante, a silhueta de um homem corpulento muito bem trajado com chapéu e sobretudo, levando na mão esquerda uma pasta de couro, caminhando a passos lentos e firmes.

Pensei comigo: *Com esse corpo, com esse andar e essa pose só existe um! Vou chamar, se for ele, se voltará, se não for, não vai nem tomar conhecimento.* E arrisquei um grito em plena avenida Pensilvânia:

-Professooooor!

Acertei! Era ele mesmo, o Professor Érico da Rocha Nobre, Catedrático de Economia e ex-Diretor da ESALQ, que estava na cidade para participar de um evento na sua área.



NEW YORK, NEW YORK!

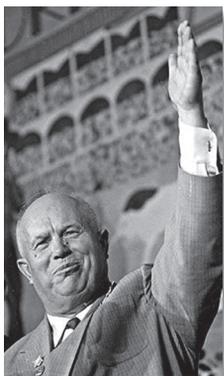


ONU – Organização das Nações Unidas

Em menos de uma hora de viagem pela ponte aérea e descemos em Nova York, feericamente iluminada, indo direto ao *Great Northern Hotel* que ficava na rua 57, entre a 6ª e a 7ª avenidas, região central de Manhattan. Lugar privilegiado, pois, dava para ir a pé a pontos turísticos famosos inclusive museus, teatros, exposições e as famosas lojas de departamentos como a Macy's e outros grandes magazines, enfim, aqueles que o programa oficial nos recomendava.

No dia seguinte visitamos o prédio da ONU onde fomos recebidos por funcionários da delegação diplomática brasileira que destacou um jovem diplomata Marcos Azambuja para nos ciceronear pelas várias dependências do suntoso edifício.





Kruschev

Atencioso, se desdobrando em suas funções, fez questão de mostrar com detalhes o auditório da Assembleia Geral e o local onde, meses antes, Nikita Kruschew, esbravejando, batia em sua bancada com o sapato na mão.

Demoramos um pouco mais no grande hall de entrada diante do gigantesco painel *Guerra e Paz*, de autoria do brasileiro Candido Portinari, que havia sido inaugurado 4 anos antes, e aproveitamos para tirar muitas fotografias.



“Guerra e Paz” - Portinari



Dali fomos a uma recepção, agora no Centro Brasileiro de Nova York e depois, fizemos visitas ciceroneadas ao *Empire State*, Estátua da Liberdade, *Rockfeler Center*, *Radio City Music Hall* (onde foi possível assistir alguns minutos de ensaio de suas famosas bailarinas), *Central Park*, a *Broadway*, enfim, os tradicionais pontos turísticos da cidade.

Enquanto isso, o Mauricio e o Kunio, acompanhados pela Fey, filha do Mr. Du Bois, aproveitaram a oportunidade para assistir ao famoso musical *My Fair Lady* interpretado por Julie Andrews e Rex Harrison.

E assim terminavam os compromissos oficiais, mas teríamos ainda mais dois dias livres em Nova York.



LIVRES EM NOVA YORK

Quanto custa essa... ?

Entre todos, o Baleia era um dos que mais aprontavam. Com seu ar sério, cínico, dava as tiradas certas, portanto, em certos momentos impróprios precisávamos de muito esforço para conter o riso. Uma de suas brincadeiras favoritas era a de se dirigir com aquele seu vozeirão a um “nativo”, geralmente uma “nativa”, falando em mineirês intercalando algum palavrão, só para ver a cara de espanto daquele que não estava entendendo nada. Nós que estávamos ao seu lado éramos obrigados a disfarçar e sair de fininho para evitar qualquer confusão. E isso ele fez em quase todos os lugares por onde passamos.



Luis Sergio (Baleia)

No nosso primeiro dia em Nova York, estávamos andando pelas ruas quando ele me disse: *Vou “experimentar” o povo daqui.* Chegamos ao balcão de uma lanchonete e uma mocinha toda risonha veio nos atender e ele então, apontando com o dedo qualquer coisa debaixo do vidro, disparou com voz grave e solene do alto dos seus quase dois metros:

- *Quanto custa essa bosta?*

- *Isso é um chiclete, senhor, e custa 10 cents cada.*

Foi a resposta em bom português, com sorriso malicioso. E rimos pra valer, inclusive ela, que era brasileira, carioca.



O Repórter Esso

Era dia 13 de Agosto de 1961. Depois de tanto turismo agora seria a última oportunidade para as compras. Estávamos mesmo ansiosos para torrar os nossos dólares e, portanto, foi uma festa quando caímos na rua 46 repleta de lojas de brasileiros, podendo escolher e negociar em português.

Eu, que na época já era radioamador habilitado e ainda maníaco por eletrônica, aproveitei para comprar um excelente receptor *Hallicrafters*, um par de *walk-talk Motorola*, a máquina fotográfica *Yashica*, duas canetas-tinteiro, *Parker 61* e *Sheaffer*, ambas folheadas a ouro, algumas novidades e presentinhos. No quarto do hotel, testando os aparelhos, constatei que o meu rádio *Hallicrafters* captava também a faixa do *walk-talk*. Alguns que estavam comigo (não me lembro quem) ficaram maravilhados com a descoberta e propuseram uma brincadeira para enganar os demais.

Foi bastante simples: usando um gravador de fita recém adquirido por um deles, montamos um “programa” em português imitando o noticiário de uma rádio brasileira. A seguir, eu acoplei a saída do gravador na entrada de áudio do transmissor do *walk-talk* e combinamos que faríamos uma “transmissão especial” para o apartamento vizinho.

Espalhamos a notícia que eu havia adquirido um poderoso



“Repórter Esso” (era o chefe)



receptor de ondas curtas e que, à noite, iríamos tentar captar alguma estação do Brasil.

Na hora marcada com muitos reunidos no meu quarto em volta do aparelho, eu simulava dificuldades em sintonizar o “Brasil” até que, depois de várias tentativas, ouviu-se uma voz fraca em português em meio a ruídos e estáticas.

-É o Repórter Esso em edição especial...

- Silêncio, silêncio, vamos ouvir!

Nessa altura, o “locutor brasileiro” (gravação que eu havia feito) bastante nervoso falava de uma invasão do Rio Grande do Sul por tropas revolucionárias vindas da Argentina, em consequência da situação política extremamente delicada por que vínhamos passando.

E então veio o máximo:

- Atenção, atenção, a cidade de Santo Ângelo está sitiada e em mãos dos revolucionários...

Nessa altura tivemos que parar com a brincadeira e revelar a farsa porque nosso colega Gaúcho, natural de Santo Ângelo, entrou em pânico.

Uma vez esclarecido, tudo terminou em risadas.

Porém, o intrigante é que em menos de duas semanas depois, o Brasil passou por dias de grande tensão com uma situação real e muito parecida. Com a renúncia de Jânio (dia 24), forças políticas tentaram impedir a posse do vice, o gaúcho João Goulart o que levou o Rio Grande do Sul, liderado por Brizola, a ameaçar pegar em armas para defendê-lo. Premonição?

Qual nada! Uma simples coincidência, pois o que nós queríamos mesmo era pregar uma peça no Gaúcho.



Presente de Noivado

Lever um presente para a namorada era sempre uma preocupação. Mauricio comprou uma caneta Parker 61 que nunca funcionou direito, conforme confessou anos depois! Uns mais despreocupados, compravam a primeira bugiganga que aparecia pela frente, enquanto a maioria, mais cientes da responsabilidade, se esmeravam na escolha.

No dia da partida, foi uma correria para procurar as últimas encomendas, pois o avião sairia à noite, o tempo era curto, mas como já conhecíamos as lojas e os melhores atendimentos, eu e mais três logo cedo fomos direto à uma delas na rua 46. Um deles (não tenho certeza dos personagens, mas o episódio ficou bem marcado) precisava comprar o presente para sua noiva e estava em busca de algo sofisticado, bem feminino.

Após passarmos por outras lojas, ele decidiu por um estojo para unhas muito fino, todo em couro com detalhes dourados, contendo tesouras de vários tipos, alicate para cutícula, lixas, enfim tudo que é necessário. Realmente, um belíssimo presente de noivado.

O balconista brasileiro que nos atendia disse então que aquela peça era de mostruário e que a encomenda só poderia ser entregue após o almoço, pois não havia outra em seu estoque. Combinou-se o preço e a hora da entrega e voltamos para o hotel. Depois do almoço, estávamos reunidos comentando nossas aquisições quando o nosso amigo, lembrando-se que havia agendado um outro compromisso para o mesmo horário, pediu a um seu colega (quem era ele mesmo?) que iria naquela mesma loja para

que fizesse o favor de trazer sua encomenda, descrevendo-a ligeiramente.

Já à noite, pouco antes do nosso embarque, o primeiro perguntou pela sua encomenda ao que o segundo, todo orgulhoso por ter servido ao amigo, entregou-lhe um simples aparador de unhas “trim”, de 50 cents!



O presente de noivado

Um domingo em Sing-Sing (Mauricio conta essa)

*E*ra o nosso último voo dentro dos Estados Unidos, de Washington à Nova York e estavam todos alegres e animados. Na cabine do DC-6B da United Airlines, logo se formou uma roda divertida entre as aeromoças e alguns colegas, aqueles mais chegados às paqueras.

Dentre estes, um dos que mais se esmerava nessa prática era o nosso amigo Cesar, exímio dançarino, cortejador emérito, rei dos inferninhos de Piracicaba e da capital e ainda por cima, orador oficial de nossa turma. Por ser tão saído e falar bem o inglês, havia sido escolhido pela turma como líder de nosso grupo, cargo que só ele e os americanos levavam a sério. Simpático, alegre e envolvente, falando bem o idioma, conseguia rapidamente se relacionar com as aeromoças. Em todos os voos, a cena se repetia: um bando de lindas americanas rindo em volta do Cesar. Incomodados e invejosos com o sucesso do colega, um grupo, incentivado pelo intérprete



Claudio Rabello, decidiu aproveitar a última escala de nossa viagem para aplicar um trote em nosso conquistador.

O plano foi idealizado ali mesmo, em pleno voo. Os colegas mais animados, coordenados pelo Claudio e ajudados por uma das aeromoças, armaram o golpe. A ideia era simples e engenhosa, mas exigia a colaboração e participação de todo o grupo e sigilo absoluto: simular em Nova York um programa “especial” para o próximo domingo, em que só o Cesar fosse convidado.

Assim, na manhã de um lindo domingo de sol, enquanto tomávamos o nosso breakfast, desce de seu apartamento o Cesar, todo animado, carregando pacotes de café, garrafas de pinga e Long Plays de bossa nova. Eufórico, nos avisa para que não fiquemos com inveja, pois ele tinha um “barbecue” em uma chácara nos arredores da cidade, convite que recebeu por telefone, de uma das aeromoças de nosso último voo. Cordial, nos deseja um bom passeio de barco, pois nosso programa era circundar a ilha de Manhattan num navio da Circle Line, um passeio de três horas! Fingimos uma profunda decepção em não poder participar e lá foi ele todo entusiasmado em direção a mais próxima estação de metrô. As instruções que havia recebido da aeromoça diziam que ele deveria tomar o metrô até a Grand Central Station, de lá tomar um trem até determinada estação e assim que desembarcasse que tomasse um taxi para o endereço da chácara do “seu primo”. Acontece que a tal “chácara” era na realidade a então famosa penitenciária de Sing-Sing!



Cesar



O Cesar fez tudo direitinho e depois nos contou a sua versão do que aconteceu: Como o domingo era dia visita em Sing-Sing, os guardas, muito atenciosos, o levaram para conhecer áreas de recreio e os refeitórios e, em retribuição, livrou-se de parte das amostras de café distribuindo-as entre eles. Na volta a Manhattan, aproveitou para ir ao famoso Harlem, onde percorreu as ruas com velhos prédios descascados, escadas de incêndio e becos sujos. Entrou em duas tavernas onde era o único branco. Sentiu a hostilidade no ambiente e quando abordado identificou-se e logo o clima mudou. Todos, principalmente as mulheres, queriam saber como era o relacionamento inter-racial no Brasil. Distribuiu o resto das amostras de café e ainda lhe pagaram alguns whiskies. Até convite para palestra na igreja evangélica recebeu. Ele voltou ao hotel no começo da noite, feliz com a experiência inesquecível e acalmou alguns colegas preocupados com a demora, achando que tinha sido trancafiado em Sing-Sing.

Breakfast de 50 cents (Maurício conta)

Nosso colega Maurílio, era conhecido pela sua parcimônia com os gastos. Seu hobby, além dos cavalos, era colecionar armas, principalmente aquelas especiais, como as usadas em tiro ao alvo. Conhecedor do assunto, já havia escolhido o que queria comprar: Smith & Weston, calibre 38, um cano longo com mira especial, modalidade esportiva muito cara! E o custo, incomodava o nosso amigo. Sem querer gastar os dólares que havia trazido, tinha que achar um jeito de



incrementar seus recursos para satisfazer o capricho. Logo no início da excursão havia tomado uma decisão: iria juntar o dinheiro necessário para a compra economizando nos gastos do café da manhã, da nossa bolsa que era de US\$ 12,00 por dia, para as despesas de alimentação e hospedagem.

Na maioria das vezes o Departamento de Estado havia conseguido hospedagem gratuita nas Universidades e algumas refeições nos locais visitados. Porém, o breakfast, era em geral por nossa conta e um breakfast razoável consistia em torradas, bacon, ovos mexidos, suco de laranja e uma caneca de café e tudo isso custava em média US\$2,50. Como a viagem seria de 25 dias, se ele economizasse US\$2,00 por dia, conseguiria obter no final os US\$ 50,00, suficientes para adquirir o revólver! Foi o que fez : breakfast só de 50 cents. E assim fazendo, no nosso último dia ele estava todo feliz e mostrava aos amigos o seu reluzente Smith & Weston, cano longo!



Maurílio

(P.S. Na época, lá, era permitido portar armas em avião).



O RETORNO

Problemas no embarque

Os fanáticos por armas que haviam comprado seus revólveres e pistolas não poderiam entrar no avião em poder deles e sim, deveriam entregá-los a um oficial da Varig que os entregaria ao comandante da aeronave e este os devolveria na chegada ao Brasil. E assim foi feito, porém, como era proibida a entrada de armas no Brasil, os portadores tiveram que escondê-las e prendê-las com esparadrapo embaixo da roupa ou nas reentrâncias do corpo, etc. para passar pela alfandega.



Super Constellation da Varig

Finalmente, na segunda-feira, dia 14, embarcamos novamente em um Super Constellation da Varig para o



retorno ao Brasil desembarcando em Congonhas, São Paulo no dia 15 de agosto de 1961, onde vários parentes e amigos nos esperavam.

Disciplinarmente a excursão foi muito tranquila, sem nenhum contratempo e o “chefe” não teve qualquer trabalho ou preocupação, mesmo porque eu não estava a fim de “chefiar” ninguém e sim de desfrutar a oportunidade. As brincadeiras, as aprontadas, ou seja, as “estudentadas” como eram chamadas em Piracicaba eram inocentes, sem maldades, mas que nos divertiam o tempo todo mantendo um clima saudável.

Os nossos fotógrafos

Durante a viagem adquirimos pouca coisa, pois reservamos os dólares para as compras mais valiosas como eletrônicos, máquinas fotográficas e artigos sofisticados, em Nova York. Dessa forma, a maioria, eu inclusive, passamos a viagem toda sem máquinas fotográficas e, portanto, retornamos ao Brasil sem ter tirado uma só foto, já que os artigos adquiridos *tax free* só foram entregues dentro do avião, durante o retorno.

Porém três estudantes, Maurício, Maurílio e Kunio, haviam levado suas máquinas e foram eles, nossos incansáveis fotógrafos, que se desdoblaram para registrar um pouco de tudo. Porém, cometeram uma grave falha tecnológica e que só fomos perceber 50 anos depois, pois a maior parte dos registros fotográficos fora feita em películas de diapositivos coloridos Kodakrome, conhecidos por slides, e que eram a grande novidade na época, entretanto, que

perderam completamente suas cores com a passagem dos anos. Felizmente se salvaram as fotos em negativos preto-e-branco para documentar a nossa passagem pelos Estados Unidos da América.



Kunio, Mauricio e Maurílio

À eles as nossas homenagens e, particularmente o meu agradecimento, pois, revendo essas maravilhosas imagens minha memória foi reativada e pude reconstituir parte da história da Grande Excursão dos formandos da ESALQ do ano de 1961.



O FIM DE UMA ERA...

No começo dos anos 1960 Piracicaba era uma cidade com pouco mais de 100.000 habitantes, sua economia girava em torno da cana-de-açúcar e a sociedade, em torno da Escola Superior de Agricultura “Luis de Queiroz”, da USP. Dizia-se até que os “três poderes” eram o Prefeito, o Bispo e o Diretor da famosa Escola, nessa ordem.

Exageros à parte, mas verdadeiro na prática pois os grandes eventos da cidade eram os religiosos como a Semana Santa, o dia do padroeiro Santo Antônio, a festa do Divino, Carnaval e o Natal, bem como aqueles ligados à Escola “Agrícola” (como ainda era chamada) tais como as solenidades de formatura de mais uma turma, sempre com a presença de altas autoridades do País, culminando com o grande baile de gala no Salão Nobre da Escola, o “trote” dos calouros com o desfile dos Bichos pela rua Governador e o Baile no Ginásio de Esportes, enquanto que a Associação Atlética Acadêmica “Luiz de Queiroz” participava de campeonatos locais e universitários nacionais. Tudo isso sem falar nas “promoções” de suas famosas “repúblicas”.

Assim, a Grande Excursão dos “agricolões” foi o grande acontecimento que movimentou a cidade em 1961 pelo inusitado destino, os Estados Unidos, se bem com um número limitado de alunos. Infelizmente, a revolução de 1964 acabou também com essa tradição ao aceitar a reforma do ensino no Brasil ditada pelo acordo Mec-Usaid, em 1968. O ensino superior que era eclético passou a ser optativo e com isso perderam-se a união, a amizade e a cumplicidade entre os colegas de classe. O ensino foi pulverizado,



excluíram-se as disciplinas que exigem raciocínio, acabaram-se as repúblicas e as atividades sociais e esportivas.

E o pior de tudo: o exame vestibular que era eliminatório, isto é, exigência de nota 5 (cinco) em todas as disciplinas, passou a ser apenas classificatório e com isso, todas as vagas são preenchidas independentemente do nível dos candidatos.

Enfim, perdeu-se o sentido de “turma”.



LEMBRANÇAS



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

PBX - 3067 - 3068 - 3069 - 12 Ramais - Caixa Postal 9
PIRACICABA - S. DE SÃO PAULO

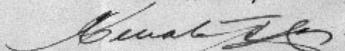
Nº 2483
- SECRETARIA -

Piracicaba, 14 de julho de 1961.

Prezado Senhor.

Pelo presente tenho a satisfação de informar, a quem possa interessar, que o portador deste, Sr. Eng. Agr. Epaminondas Sangiolo de Barros Ferraz, Assistente contratado da 1.ª Cadeira (Física e Meteorologia) desta Escola, está autorizado pelo seu Conselho Técnico Administrativo a chefiar o grupo de agrônomos de 1961, em viagem de estudos pelos Estados Unidos da América do Norte.

Atenciosamente,


Prof. Dr. Renato Amilcare Catani
- VICE-DIRETOR EM EXERCÍCIO -

RELAÇÃO DOS MEMBROS PARTICIPANTES DA VIAGEM DE
ESTUDOS AOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE.-

Chefe da Excursão: Eng^o Agr^o Epaminondas Sansigolo de Barros Ferraz.

- Alunos:-
- 1 . Benedito Rodrigues Ferreira
 - 2 . Cesar Augusto Canto
 - 3 . Douglas Alberto Ferraz de Campos
 - 4 . José Ayrton Dinamarco Roxo
 - 5 . José Eugenio Ferreira Netto
 - 6 . José Fernando Lazzarini
 - 7 . Kunio Nagai
 - 8 . Lineu Petersen Fett
 - 9 . Luiz Alberto Moreira Ferreira
 10. Luiz Carlos Valladares Borges
 11. Luiz Sergio de Paiva Pereira
 12. Manoel Afonso de Almeida
 13. Martinho Lucio de Freitas Junior
 14. Mauricio Estellita
 15. Maurilio Junqueira de Carvalho
 16. Oscar Figueiredo Filho
 17. Oscar Rodrigues Alves Filho
 18. Eaul Audi
 19. Roberto Thomas Losito de Carvalho
 20. Robinson Adilio Crespo Guillen.

Piracicaba, 17 de junho de 1961.

Prof. Hugo de Almeida Leme
- DIRETOR -

Washington, D. C., U.S.A.

July 5, 1961

To: Professor E. S. Ferraz, Leader
and Mr. Cesar A. de Almeida, Student Leader
for student visitors from the University
of Sao Paulo, Brazil

Mr. Carlos J. Ortega, Foreign Agricultural Service,
U.S. Department of Agriculture, would appreciate it
if you and your group would report promptly at 9:15
of the morning of August 7 at the following address:

900 Independence Avenue, Southwest
Escanaba Hall Building
Room 225

Mr. Ortega will greet you there and will present the
schedule arranged for the next four days.

When you arrive at the above address enter the
building where there is a green and white sign marked
USDA, Foreign Training Division, Foreign Agricultural
Service - - and go to the second floor.

If you need to telephone Mr. Ortega he may be reached
at his office at 9:00 a.m., Monday morning at:
Dudley - 3360

Signature of Issuer: *E. S. Ferraz*

GREATER NEW YORK COUNCIL FOR FOREIGN STUDENTS, Inc.
118 West 87th Street, New York 19, N. Y.
Circle 7-4147

IDENTIFICATION CARD

Name: *E. S. de Barros Ferraz* Country: *Brazil*

Place of study or training; program in US
Medeiros International Center, 152 E. 57th St.

Issuing agency
IGR, Paris

Any courtesies extended to bearer will be appreciated.

Date issued: *8/10/61* Valid to: *8/14/61*

INSURANCE IDENTIFICATION CARD
Group Insurance Program Underwritten By
CONSOLIDATED MUTUAL INSURANCE COMPANY
Brooklyn 1, N. Y.

Branch Office: 1725 "K" Street N.W., Washington 6, D. C.

POLICY No. BAS-614 Insures the following named individual:
PROGRAM *C-1-102* Expiration Date of Coverage *8/15/61*

Name: *Esaminondas S. DE BARROS FERRAZ*

Present Address: *Washington, D. C.*

Programming Agency: *Department of State*

Home Country: *Brazil*

Signature of Agency Representative: *Ernest J. Mansmann, Jr.*

Programação Oficial

DEPARTMENT OF STATE

Itinerary: Agricultural Students - Brazil, July 13 - August 11
 Programmed by: Department
 Interpreters: Mr. Claudio Rabello
 Mr. Ziegfried Schwantes
 Mr. Arden Du Bois

	<u>ARRIVE</u>	<u>DEPART</u>
<u>New York</u>	July 16 - 14:00 VARIG 850	July 16 - 17:15 BN 215
1. <u>Washington</u> Mr. Hugh Jenkins Foreign Student Service Council 1630 Crescent Place, N. W. Telephone: HO. 2-2160 Reservations: Presidential Hotel 900 19th Street, N.W. Telephone: FE. 8-9820	July 16 - 18:35	July 18 - 10:05 BN 207 day coach
<u>Dallas</u>	July 18 - 12:25	July 18 - 14:35 EN-55
<u>San Antonio</u>	July 18 - 15:21	July 18 - 16:55 EN 377
2. <u>Corpus Christi and Kingsville</u> Dr. J. W. Howe, Dean Division of Agriculture Texas College of Arts and Industries Kingsville, Texas Telephone: LY 2-6461 Reservations: Casa Ricardo Note: You will be met in Corpus Christi by bus and taken to Kingsville upon arrival.	July 18 - 17:43	July 22 - 12:53 TT 94
<u>Dallas</u>	July 22 - 15:57	July 22 - 18:25 EN 168
<u>Denver</u>	July 22 - 20:54	July 22 Chartered Bus
3. <u>Fort Collins, Colorado</u> Mr. L. J. McMillan Director of Special Services Colorado State University Telephone: HU. 2-3300 Reservations: Northern Hotel	July 22 Chartered Bus	July 26 Chartered Bus

(cont.)

- | | | | |
|----|--|--------------------------|------------------------------|
| | <u>Denver</u> | July 26
Chartered Bus | July 26 - 17:45
VA 148 |
| 4. | <u>Omaha</u>
Dean D. J. Flasterer
University of Omaha
Telephone: 553 - 4700
Reservations: To be announced later. | July 26 - 20:40 | July 30 - 08:30
Greyhound |
| 5. | <u>Minneapolis, Minnesota</u>
Mrs. Alpha Smaby
International Center for Students and Visitors
Telephone: FE. 8-8791 (office) FE. 6-7434 (home)
Reservations: University dormitories.
<u>Note:</u> You will be met upon arrival. | July 30 - 20:00 | August 2 - 11:30
MRR #2 |
| 6. | <u>Chicago</u>
Mrs. Martha Edelstone
Institute of International Education
116 South Michigan Avenue
Telephone: CE. 6-8232
Reservations: International House
1414 East 59th Street
Telephone: Fairfax 4-8200 | August 2 - 18:20 | August 6 - 17:00
BA 204 |
| 7. | <u>Washington D.C.</u>
(see above) | August 6 - 20:25 | August 10 - 21:30
BN 210 |
| 8. | <u>New York</u>
Mrs. Ruth Purkay <i>Mr. William Carr</i>
Midtown International Center
152 West 56th Street
Telephone: Circle 5-4131
Reservations: Great Northern Hotel
118 West 57th Street
Telephone: Circle 7-1900 | August 10 - 22:30 | August 14 |

Inogene Ellis, Program Office
Office of Cultural Exchange
Educational Travel Branch
515 Twenty-Second Street, N.W.
Washington 25, D.C.
Telephone: DUDley 3-6316

Kingsville - Texas

PROGRAM

BRAZILIAN AGRICULTURAL STUDENTS VISIT
to
KINGSVILLE, TEXAS
July 18-22, 1961

- Tuesday, July 18 - Arrive Corpus Christi
By bus to Kingsville
Casa Ricardo Hotel
- Wednesday, July 19 - 8:30 a. m. - Leave for tour of King Ranch (Mr. John
Cypher in charge).
Noon - Barbecue, Sceligson Camp, King Ranch
Afternoon - Continue Ranch tour
- Thursday, July 20 - 8:30 a. m. - (a) Tour through farming area to see cotton
& grain harvesting.
(b) Visit grain elevator and cotton gin in
operation.
(Tour in charge of Mr. Bill Thomas,
County Agriculture Agent).
Noon - Lunch in Kingsville
1:30 p. m. - Visit large poultry plant operation
(Dr. Leo L. Bailey, Professor of Agriculture
in charge).
- Friday, July 21 - 9:00 a. m. - Tour of College Campus (Dean Turner, Mr.
Cook, Dr. Howe in charge).
Noon - Lunch at College Cafeteria, Tejas Room,
Student Union Building.
2:00 p. m. - Meet in Auditorium, Kleberg Agriculture
Building, for general discussion session.
- Saturday, July 22 - 10:30 a. m. - Board bus for Corpus Christi Airport

THE KINGSVILLE (TEXAS) RECORD

Wednesday, July 19, 1961

Brazilian Ag Students Are In Kingsville

Nineteen Brazilian agricultural students arrived in Kingsville last night to begin a four-day tour and study of local agricultural operations. Accompanying the students are one professor and three interpreters.

The group is from the Luis de Queiroz Agricultural School in Piracicaba, state of Sau Paulo, Brazil. They are in the United States to study under the International Cooperation Administration program. They will be visiting under the direction of A&I College.

The Brazilian students will visit the King Ranch to study ranch (See BRAZILIAN, Page 3)

Brazilian—

(Continued from Page 1)

operations and management, as well as other local agricultural establishments.

During their stay in Kingsville they will be residing at the Casa Ricardo Hotel. The group plans to depart Saturday morning and return to Brazil by airplane from Corpus Christi.

Other Students

Besides the visiting students from Brazil are five other foreign students who are studying agriculture at Texas A&I College this summer.

One of the foreign students enrolled at A&I, Angel Chao of Mexico City, completed requirements for his agricultural degree Saturday as the first summer term came to a close. He will receive his degree at summer commencement exercises in August.

Two of the other foreign students also are seniors. They are Alberto Alvera of Cuba and Serfiano Martinez of Mexico.

The remaining two are both classified as juniors. Jalal Sayid of Iraq transferred to A&I this summer from a New Mexico College, and Anthony Tacini of Colombia, South America, has completed more than a semesters work here.

Fort Collins - Colorado

PROGRAM FOR BRAZILIAN AND JAPANESE PARTICIPANTS

July 22 Brazilians arrive by chartered bus, housed at Northern Hotel.
Japanese arrive by Colorado Motorway bus, housed at Northern Hotel.

July 23 Sunday

July 24 8:00 AM Introductory Conference - Plant Science Auditorium
Participants - Vice President Chamberlain, Messrs.
Wheeler, Story, Connell, Stongster, Pattengale.

11:00 AM Tear the scrapie.

12:00 noon Lunch, Student Union.

1:30 PM Bull Farm.

3:00 PM University Livestock Farm.
University Agronomy Farm, Bob Danielson.

July 25 8:00 AM Leave Fort Collins.

9:45 AM Arrive Monfort Feed Lots, Greeley.

10:45 AM Capital Packing Plant, Greeley.

12:30 PM Lunch at the Ten House.

1:45 PM Farr Feed Lots (feed, storage, mixing)

3:30 PM Leave Feed Lots.

4:00 PM Ed Johnson Farm, Fort Collins.

July 26 8:00 AM Warren Livestock Ranch, Lamar Splice.

12:00 noon Lunch, Student Union.

1:30 PM Leave Fort Collins for Denver.

cc: Dr. Vaughan, Japanese
W. H. Connell
L. J. McMillan
Arden Du Bois, Brazilians

Omaha - Nebraska

Itinerary for Brazilian agricultural students --- July 26 - July 30

Programmed by Don J. Pfisterer, Dean of Students, University of Omaha - 553-4700 or 391-8149

WEDNESDAY, July 26

Arrive at Omaha from Denver on U.A. flight 148 at 20:40. Bus will deliver 19 students to Brownell Hall, 400 North Happy Hollow Blvd, where they will reside until their departure date.

Mr. Du Bois and his group will reside at the Sheraton-Fontenelle Hotel, 1806 Douglas Street.

THURSDAY, July 27

8:00 a.m. Bus will pick up students at Brownell Hall and bring them to the University of Omaha for breakfast in the Student Center.

9:15 a.m. Mr. Siemers will bring Mr. Du Bois and group to the University.

10:00 a.m. Coffee Hour will be held in Room 312 B in the Student Center for the guests. At this time they will meet the President of the University, Dr. Bail, Deans, faculty, and students.

10:45 a.m. Tour of the University of Omaha campus.

12:00 noon The University will serve as host for our visitors in the Faculty Dining Room.

1:00 p.m. Bus leaves Student Center, South West door for trip to Boys Town.

1:30 p.m. Tour of Boys Town.

3:30 p.m. Return to Student Center, University of Omaha.

FRIDAY, July 28

7:00 a.m. Pick up students at Brownell Hall. Deliver to the University of Omaha Student Center for breakfast.

7:45 a.m. Leave University and pick up Mr. Du Bois group at Fontenelle Hotel.

9:00 a.m. Tour Stock Yards - South Omaha.

10:00 a.m. Tour of Swift & Co. Packing Plant.

12:00 noon Return to the University

2:00 p.m. Bus leaves for Brownell Hall or Downtown area Omaha.

SATURDAY, July 29

No scheduled activities have been planned. Students will be free to visit points of interest in Omaha of their own choice. Bus transportation is available for those so desiring.

SUNDAY, July 30

7:00 a.m. Pick up students and deliver to Omaha downtown area for breakfast.

8:30 a.m. Depart by bus for Minneapolis from Greyhound Bus Depot 1802 Farnam Street.

Minneapolis - Minnesota

International Center for Students and Visitors

15TH AND WASHINGTON AVENUES S.E. • UNIVERSITY OF MINNESOTA • MINNEAPOLIS 14, MINN.
FE 8-8791, Ext. 26

PROGRAM FOR BRAZILIAN AGRICULTURAL STUDENTS
In Twin Cities July 30-August 2, 1961
Territorial Hall, 417 S. E. Walnut Street

July 30

8:00 p. m. Arrival. Bus will take group to Territorial Hall.

July 31

9:30 a. m. Bus will take group to Conference Room, Coffey Hall, on campus of University of Minnesota School of Agriculture for 10:00 a. m. appointment.

In charge of the group's professional program on Monday and Tuesday is Dr. J. O. Christianson, Director of Agricultural Short Courses and Foreign Contact Officer.

Lunch on Monday at cafeteria will be "on your own."

4:00 p. m. Bus will return group from Coffey Hall to Territorial Hall.

6:00 p. m. Members of the group are invited for dinner by local families. Hosts will call for their guests at Territorial Hall at 6:00 p. m.

August 1

9:30 a. m. Bus will take group to farms and will return the party to Territorial Hall later in the day.

August 2

10:45 a. m. Bus will take group to Milwaukee Station for departure at 11:30 a. m.

Program arranged by:

Mrs. Walter U. Hauser, Member
Foreign Visitors Committee
1716 South Humboldt Avenue
TELEPHONE: FR 7-3822

Washington - Maryland

Tuesday

All day general tour of USDA Agricultural Research Center at Beltsville, Maryland. (Instructions on how to reach Beltsville will be provided by Orientation Chairman during Monday session.)

Wednesday

- 9:00 Announcements by Orientation Chairman
- 9:15 "Your Training Program" -- Cannon C. Hearne
Director, Foreign Training Division,
Foreign Agricultural Service
An explanation of the arrangements the Department of Agriculture has with cooperators in the U. S. for conducting study and in-service training programs for foreign agricultural and home economics technicians and leaders.
- 9:45 "Organization and Functions of the USDA" -- Miss Roberta Clark, Foreign Agricultural Service, or Henry Seften, Federal Extension Service
A brief description of the major agencies of the USDA.
- 11:00 Intermission
- 11:15 "Financial Aspects of your Training Program" --
Mrs. Rebecca Spitler or Miss Altie Turnbow
Foreign Agricultural Service
- 12:30 Lunch Period
- *2:00 Orientation by appropriate USDA Service
- 4:30 Adjournment

*Orientation Chairman will announce meeting places.

Cafeterias are located in South Agriculture Building on the 6th floor in wings 4 and 6 at back of building, wing 5 at front of building, and in basement of wing 2. Snack bars are located in the 5th wing cafeteria on 6th floor and in basement of Administration Building.

Patio Theater is located in the first room on your right immediately upon entering the Administration Building from Independence Avenue. From 9:30 to 5:00 each day a short motion picture relating to agriculture and rural life is shown continuously. Most films run about 15 - 20 minutes. Participants are invited to visit the Patio Theater during free periods. Films change about every two weeks, and there is no charge for admission.

NO RETORNO

Os Universitários de Agronomia nos Estados Unidos

Acaba de regressar de uma viagem de estudos aos Estados Unidos da America do Norte, um grupo de 20 engenheiros-agronomos da "Luiz de Queiroz", que para lá se dirigiu com a finalidade de ampliar seus conhecimentos já adquiridos no decorrer do curso de Agronomia.

A excursão, que foi chefiada pelo eng. agr. Epaminondas Sanguinolento de Barros Ferraz, ilustre Assistente da 1.ª Cadeira (Física e Meteorologia), da Escola, teve a duração de 30 dias e foi patrocinada pelo Departamento de Estado do Governo Americano, que organizou toda a excursão e ainda forneceu três intérpretes para acompanhar a mesma.

Os excursionistas foram recebidos pelo Secretário da Agricultura dos Estados Unidos, Mr. Freemann; pela Embaixada Brasileira em Washington; pelo Presidente da Associação das Cooperativas dos Estados Unidos; pelo Centro Brasileiro de New York; pela Legação Diplomática Brasileira na ONU; e va-

rias autoridades do Departamento de Estado dos EE. UU., responsáveis pela viagem.

O roteiro foi o seguinte: chegada em New York. Depois Washington, Kingsville (Sul de Texas), Fort Collins (Colorado), Omaha (Nebraska), Minneapolis (Minnesota), Chicago, Washington e New York, tendo ainda os visitantes passado pelas seguintes cidades: Philadelphia, Baltimore, Dallas, Austin, San Antonio, Corpus Cristi, Lowboc, Amarillo, Denver, Cheyene, Estes Park, Saint Paul, Belsville e outras.

Visitaram: **Pecuaria:** gado de corte, gado leiteiro, cavalos, carneiros, porcos, galinhas, etc.

Agricultura: milho, algodão, sorgo, trigo, beterraba, alfafa, etc.

Agro-Industrias: fabrica de conservas, frigorificos, laticínios, beneficiamento de algodão, fabrica de tratores, etc.

Curiosidades: Visitas ao Centro do Comando Aero-Estrategico dos EE. UU., à Feira Internacional das Industrias (Chicago), às Montanhas Rochosas, à

base aerea da Marinha (Texas), Museu de Ciencias e Industrias, Muséus de Historia Natural (Chicago e New York), Empire State, Wall Stret, Estatua da Liberdade, Broadway, Freedonland, etc., tudo em New York.

Visitaram, tambem, as Universidades de: Texas (de Artes e Industrias), Colorado (Estatual), Omaha (Municipal) Minnesota e Chicago.

Divulgação — Os engenheiros da Escola procederam à propagação do café do Brasil bem como da aguardente de cana. Exibiram filmes, folhetos e fotos nacionais.

PADARIA BRASIL

Bolos de Noiva e de Aniversario — Docinhos e Salgados para festas — Enfeites, papeis para balas, guardanapos, copos de papel
FÇA. DA CATEDRAL, 1061
— FONE 2386 —

O ROTEIRO



A saída da “Grande Excursão” ocorreu em São Paulo, no Aeroporto de Congonhas, realizando pousos no Rio de Janeiro (Aeroporto do Galeão), Belém (Pará), Port of Spain - Trinidad (hoje Trinidad-Tobago) e Ciudad Trujillo (hoje Santo Domingo, República Dominicana).

As cidades visitadas nos Estados Unidos são mostradas no mapa.

1. Nova Iorque, Nova Iorque
2. Washington, DC
3. Kingsville, Texas
4. Fort Collins, Colorado
5. Omaha, Nebraska
6. Minneapolis/St Paul, Minnesota
7. Chicago, Michigan
8. Washington, DC
9. Nova Iorque, Nova Iorque



PARTICIPANTES DA GRANDE EXCURSÃO

- Benedito Rodrigues Ferreira (*Dito Cambará*)
- Cesar Augusto Canto (*Vaca Leiteira*)
- Douglas Alberto Ferraz de Campos (*Douglas*)
- José Ayrton Dimamarco Roxo (*Roxo*)
- José Eugênio Ferreira Netto (*Zé Guaiiça*)
- José Fernando Lazzarini (*Lazzarini*)
- Kunio Nagai (*Kunio*)
- Lineu Petersen Fett (*Gaúcho*)
- Luiz Alberto Moreira Ferreira (*Boa Noite*)
- Luiz Carlos Valladares Borges (*Valladares*)
- Luiz Sergio de Paiva Pereira (*Baleia*)
- Manoel Afonso de Almeida (*Mané Boiada*)
- Martinho Lucio de Freitas Junior (*Martinho*)
- Mauricio Estellita (*Estellita*)
- Maurilio Junqueira de Carvalho (*Maurilio*)
- Oscar Figueiredo Filho (*Oscar*)
- Oscar Rodrigues Alves Filho (*Caco*)
- Raul Audi (*Raul*)
- Roberto Thomaz Losito de Carvalho (*Losito*)
- Robinson Adilio Crespo Guillen (*Crespo*)



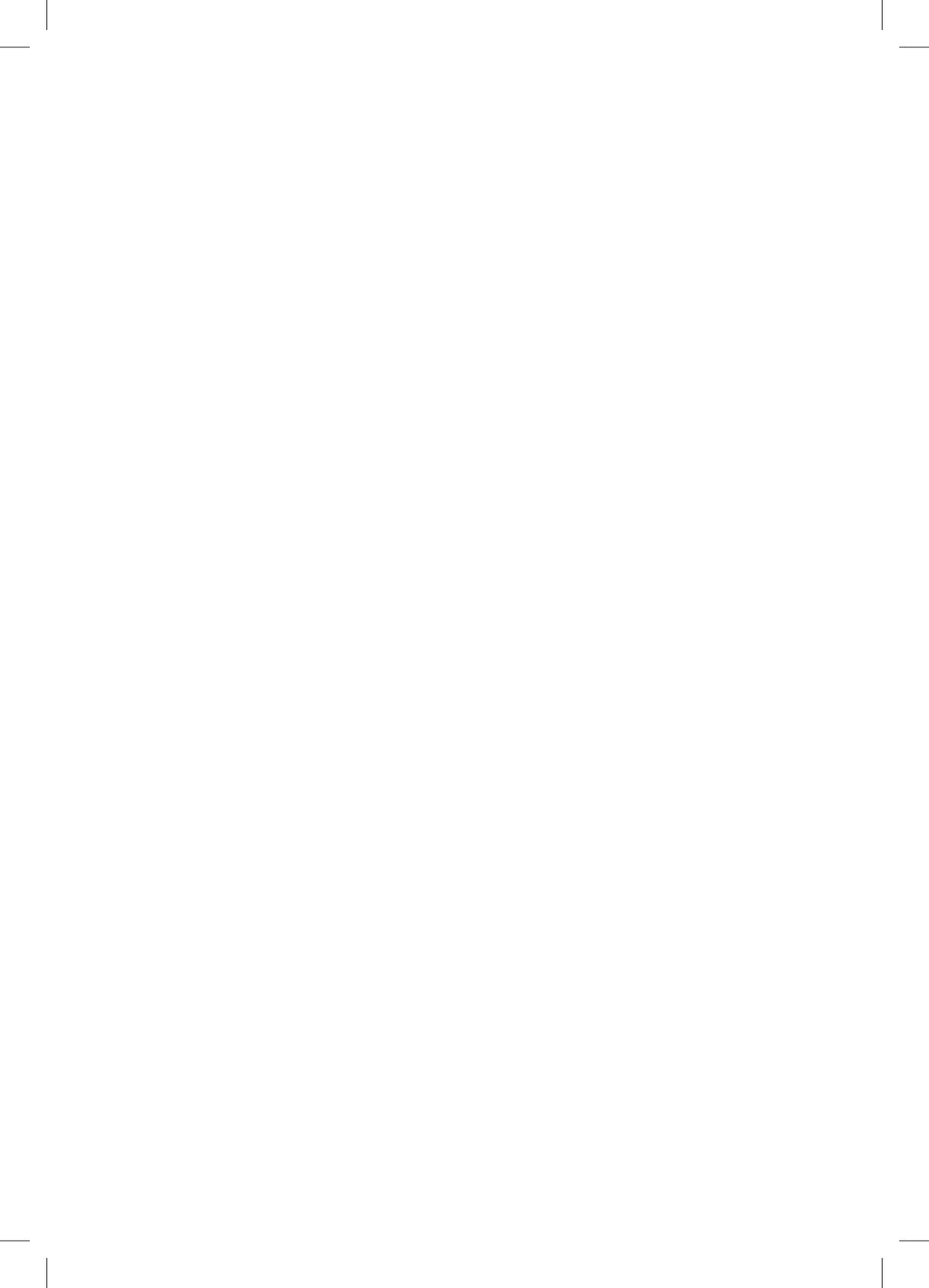
POST SCRIPTUM

O original deste relato foi por mim escrito em 2011 por ocasião das comemorações do Jubileu de Ouro da turma de formandos da ESALQ de 1961 e contou com a colaboração de Mauricio Estellita, um dos organizadores da Grande Excursão daquele ano.



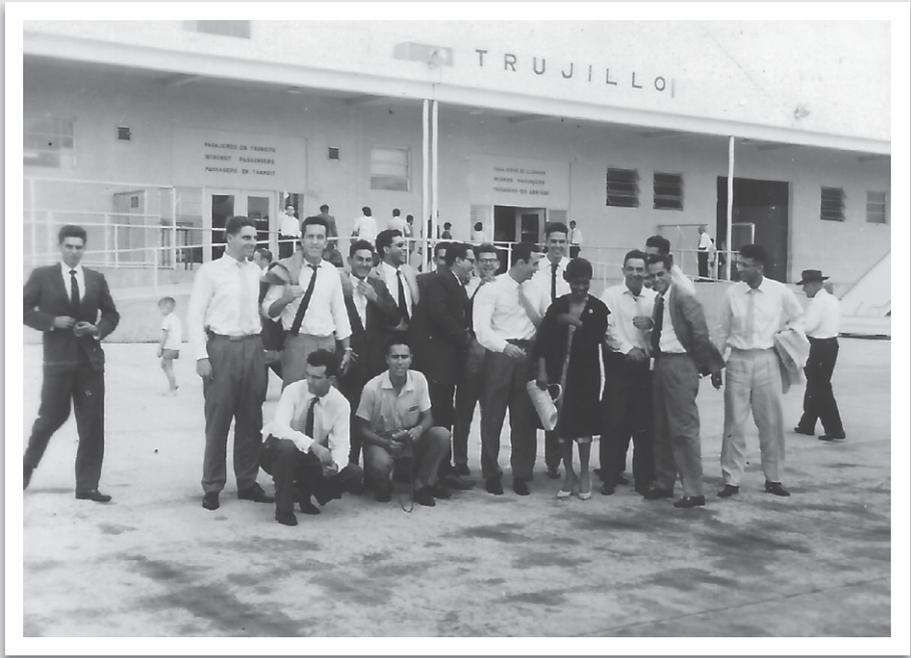
A partir da esquerda: Losito, Martinho, Douglas, Estellita, Roxo e Baleia nas comemorações dos cinquenta anos de formatura.











IHGP
Instituto Histórico e
Geográfico de
Piracicaba



**Prefeitura do
Município de
Piracicaba**



ISBN 978-65-85526-01-2



9 786585 526012